



SEMENTES

I Concurso Nacional de Contos do TRE-PR



Sementes, por c
lavras mais sim
gua portuguesa:
representa tamk
tencial ou etapa
para a concreti
sejo. Uma obra de
no caso do conc
pelo TRE-PR, um c
cabeça de cada u

erto, é das pa-
bólicas da lín-
início da vida,
oém algo em po-
a indispensável
zação de um de-
e arte qualquer,
curso promovido
conto, planta na
um de seus leito-

SEMENTES

I Concurso Nacional de Contos do TRE-PR

2019 TRE-PR

PRESIDENTE Des. Gilberto Ferreira

VICE PRESIDENTE Des. Tito Campos de Paula

DIRETOR-GERAL Dr. Valcir Mombach

REALIZAÇÃO Comissão organizadora do I Concurso Nacional de Contos do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná

REVISÃO Maurício Furtado Niwa e Marister Zequinão de Almeida

PROJETO GRÁFICO/DIAGRAMAÇÃO Simone Hembecker e Guilherme Otavio da Silva Alves (estagiário))

IMPRESSÃO Seção de Design Visual

ISBN : 978-85-60558-02-5

© Os direitos autorais de cada obra pertencem aos respectivos autores.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida por qualquer meio, sem a prévia autorização.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S471 Sementes : I Concurso de Contos do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná/organizador: Gilberto Ferreira. – Curitiba : TRE-PR, 2019.

101 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-60558-02-5

1. Literatura brasileira - Contos. I. Ferreira, Gilberto, org. II. Tribunal Regional Eleitoral do Paraná

CDD B869.3

Bibliotecário: Carlos Alberto Barbosa Ferian - CRB-9 PR – 001.953/O

Organizador: Des. Gilberto Ferreira

SEMENTES

I Concurso Nacional de
Contos do TRE-PR

Apresentação

Os novos trinta autores deste livro vêm se juntar a Edgar Allan Poe, Anton Tchekhov, Machado de Assis, Guy de Maupassant, Jorge Luís Borges, Clarice Lispector, Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, na difícil tarefa de escrever contos.

Autoridades, servidores, colaboradores, estagiários e mesários a serviço da Justiça Eleitoral aceitaram o desafio de equilibrar as ideias em uma folha em branco e, mais, submetê-las ao escrutínio de uma comissão julgadora formada por membros do Judiciário e da Academia.

Foram 104 inscritos, 70 deles servidores concursados, de quase todo o país: Paraná, Ceará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro, Goiás, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Sergipe, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina e Distrito Federal.

O número e a diversidade dos inscritos demonstram que o I Concurso Nacional de Contos atingiu o objetivo do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná (TRE-PR) com a iniciativa, inédita na Justiça Eleitoral, de promover a cultura, pilar de qualquer instituição, e valorizar aqueles que, com seu talento, contribuem para o processo democrático brasileiro.

De nossa parte deixamos aqui registrado o agradecimento pelos seus esforços em construir realidades onde havia apenas espaços em branco.

Que os leitores se deleitem com os trinta contos que compõem este livro. Há muito que aprender com os novos grandes talentos apresentados por ele.

Desembargador Gilberto Ferreira

Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Paraná

ÍNDICE

- 01 Um pintassilgo na imbuia, 06
- 02 A beleza de Ni, 09
- 03 O Espelho Invisível, 12
- 04 A caranguejeira, 16
- 05 A janela, 19
- 06 A vontade do Senhor, 22
- 07 Agonia, 25
- 08 Ainda há esperança?, 28
- 09 As palavras que não te disse estavam nos meus olhos, 31
- 10 Brincadeira de criança, 34
- 11 Canção da Idade, 37
- 12 Cartas vivas - Estrela, 40
- 13 Correlação de Forças, 44
- 14 Dependente de hora extra, 46
- 15 Domingo, 49
- 16 Entre flores e espinhos, 53
- 17 Fábrica de Sardinhas, 55
- 18 Formiga Literária, 57
- 19 Interstício, 60
- 20 Mudança, 63
- 21 Não sei para que lado ir, 66
- 22 Nosso tempo, 69
- 23 O conto do rato, 72
- 24 O pé de romã, 75
- 25 O tempo, a dança, 78
- 26 O trabalho dos invisíveis, 81
- 27 Onde repousa o que importa, 84
- 28 Os óculos de Alice, 87
- 29 Um dia como outro qualquer, 90
- 30 Um dia qualquer em 76, 93



01

Um pintassilgo na imbuia

por Jayme de Oliveira Filho
servidor do TRE-BA

Daria, sim, para, através da janela da casa, ver, em uma ponta da paisagem quente de janeiro, a velha imbuia que desde o princípio estivera presente a tudo. A própria casa, tão jovem em comparação, fora construída ali para se valer de uma pequena rodagem, mas, principalmente, para que aquela árvore de madeira tão nobre e porte imponente lhe emprestasse alguma distinção. Mesmo assim era uma casa simples. De fora não se via muito do que acontecia em seu interior, quase sempre escuro e de pouco movimento. Exceto pelo menino, frequentador assíduo do pequeno terreiro que abraçava todo este cenário. Naquela manhã inclusive, como de costume, ele estava à sombra da velha imbuia. Era seu lugar. Gastava a infância ali, brincando consigo e aparentemente alheio. Se fosse da cidade, alguns diriam estar diante de um futuro engenheiro, tamanha destreza com que construía arapucas e caixaras. Outros diriam que não, que ali estava com certeza um biólogo por excelência, observador tão prematuro de perdizes, sabiás, gralhas-azuis e outras espécies que capturava com seus ardis. Mas, na roça onde morava, era um boca aberta.

O sol estava praticamente a pino. A velha imbuia caprichava em sua sombra quando sentiu que suas raízes vibravam de maneira incomum. É que vinha contornando a sinuosa pista um veículo cujas rodas lhe causavam aquelas cócegas enquanto faziam vibrar o chão. Normalmente eram veículos de firma e a logomarca na porta untada de poeira denunciava isso. Mas não era o caso ali. Definitivamente

não. Aquele veículo tinha pneus macios, que giravam suave, desenhando um rastro elegante, largo, muito generoso. Era um conversível. Mas o menino não se interessou. Estava concentradíssimo testando um novo sistema de arapuca que acabara de inventar e, embora também tivesse percebido aquela aproximação inusitada, permaneceu imóvel, acompanhando apenas com o canto dos olhos o seu trajeto sinuoso. Nem por um instante perdeu de vista um pequeno pintassilgo que naquela manhã parecia especialmente disposto a ceder à sua nova invenção.

Acontece que o veículo reduziu a velocidade e parou bem em frente à casa. A imbuia se surpreendeu um pouco, mas também se pegou interessada demais no desfecho da trama do pintassilgo para se importar com aquela outra novidade. Por sua vez, o menino pressentiu algum contato e fez que não era com ele, virando-se um pouco mais para a pequena ave e definitivamente menos para o conversível. A silhueta sombreada de um rosto se deixou mostrar pela janela da casa, sem que sua presença sutil pudesse ser notada.

A buzina soou. Apenas um chamado, nem longo e nem curto, quase gentil, mas suficiente para assustar o pintassilgo e arrancar um suspiro irritado do menino. Sua cabeça balançou em indisfarçável contrariedade e seu olhar procurou a imbuia como se buscasse nela algum consolo ou sugestão. A árvore se fez de desentendida. À janela, o vulto ocultou-se um pouco mais, protegendo-se na penumbra para não se envolver e, assim, continuar a ver.

Não se ouviu outra buzina. Mas o silêncio constrangedor fez com que o menino entendesse que não havia saída. Suspirou novamente e levantou em um salto, voltando-se para o conversível e disparando com passos firmes rumo ao motorista. Fosse o que fosse, parecia que teria de ser rápido.

Algumas palavras foram ditas do conversível. O menino, antes tão açodado, pareceu repentinamente entorpecido, um tanto inebriado, confuso, seus olhos ficaram vagos e somente após alguns

segundos ele levantou o bracinho mirrado e o apontou para cá e para lá, sempre gesticulando muito e, claramente, dizendo algo a que todos escutavam com grande atenção. Estava agitado agora. Um breve diálogo e o motorista sorriu satisfeito enquanto a mulher ao seu lado terminava de tomar nota das direções que escutara. Acomodados na traseira do conversível dois olhos azuis ouviram tudo, mas não disseram nada. Sequer piscaram. O motorista fez um último gesto positivo e acelerou.

O menino, parado na margem da pista, deixou que os bracinhos caíssem do corpo e respondeu apenas com as pontas dos dedos aos acenos graciosos que os dois olhos azuis, pequenos como os dele e agora debruçados no banco traseiro do conversível, lhe faziam ao longe. Estava mudo.

O vulto à janela havia se descuidado pela curiosidade e a luz quase o flagrara em sua tentativa de descobrir quem estivera ali.

A velha imbuía, apreciando ainda aquele último carinho do conversível em suas raízes, já o sabia: era o amor.

O pintassilgo entrou na arapuça.



02

A beleza de Ni

por Alexandro Ferraz da Silva
servidor do TRE-SP

Quando tia Ni veio morar com a gente ninguém gostou. Ela era velha, mas se achava menina. Ficara louca ainda criança. Minha vó falava que ela recebera uma ventania na cara; tio Du dizia que ela tomara um choque quando encontrou tio Januário morto, pendurado no pé de braúna, quando voltava da escola. Dizem que esse tio gostava muito dela.

Tia Ni ficava sozinha num quarto escuro. Acordava no meio da noite e andava por toda a casa. Um espelhinho e um batom eram seus companheiros. Admirava os lábios coloridos. “Sou bonita demais, né Railda”, perguntava à minha vó, que dava risada. Todos sabiam que ela era muito feia. Dava pena: louca e feia. As duas tinham quase a mesma idade, tia Ni um pouco mais nova. “Para de ficar se emperiquitando, Ni?”. “Você fala assim porque não é moça nova como eu”. Parecia uma menina. Vaidosa e perfumada a alfazema. Seu banho era um ritual demorado. Usava creme de babosa nos cabelos. Os vestidos revelavam, de tão curtos, acima do joelho, a anágua de borda florida. “Railda, você queria ser bonita assim como eu?”. “Oh, cavala besta, onde tá a beleza aí?”. “Você sempre foi invejosa, Railda”, sentenciava tia Ni. Minha vó ria às vezes dessas besteiras; outras ficava com raiva.

Tia Ni era um fardo. “Dá trabalho igual criança, Elza”, confienciava minha vó à outra irmã, que nos visitava de vez em quando, mas não queria saber de tia na casa dela. Quando parava na frente da televisão, todo mundo gritava com ela. “Sai daí, tia Ni”. Ela pirraçava. Dava vontade de bater nela. “Não tem muita mulher bonita nessa novela, né?”. Falava isso e se afastava olhando no espelho em tempo de tropeçar e cair. Gastava muito tempo sob as mangueiras. Pegava

de solavanco o espelho e deitava de costas, olhava ora o céu, ora o seu próprio reflexo, descobrindo outros ângulos, explorando cada pedacinho de seu rosto. Os olhos brilhavam, segurava uma lágrima de alegria a caminho e gritava lá de fora:

“Raiiiiiiiiilda, meu nariz combina tanto com meu queixo, não acha?”. “Oh, cavala besta! Por que não vem me ajudar?”, indignava-se minha vó. “Essa Ni é morta na preguiça”.

Qualquer assunto que não fosse sua beleza era um tédio para tia Ni. Adorava ficar na janela se exibindo para as pessoas que passavam pela rua. Gostava de meu amigo Henrique, de treze anos. “Acho que ele gosta de mim, já passou três vezes me olhando”. Minha vó costurando, apenas balançava a cabeça, como todos nós. A gente já entendia. “Railda, meus vestidos estão muito antigos, preciso de roupas novas”. “Só se comprar com a correia do saco”. Embora minha vó fosse muito direta com tia Ni, ela nem escutava. Só lhe importava seu espelho, seu batom e a alfazema que empestava a casa.

Num esbarrão em seu Raul, bem na calçada, o acidente: seu espelho vermelho, de florzinhas douradas, espatifou no chão. Estilhaçou. Tia Ni ficou desolada. Minha vó comprou outro espelho do mesmo tamanho. Mas ela não gostava, dizia que aquele espelho a deixava feia. Minha vó segurava e dizia que estava igual. Assegurava que a imagem era verdadeira.

Mas tia Ni não acreditava. Chorava seu espelho de volta. “Por que você quebrou?” “Agora sou feia”. Levou-a a várias lojas para ela mesma escolher outro, mas todos os espelhos deixavam tia Ni feia. Experimentou um monte. Chorava sua feiúra. “Como posso viver sem ser bonita, Railda?”. Não andava mais pela casa. Ficou no canto da parede com os olhos tremendo e as mãos na boca. Sem batom. Eram inúteis as tentativas da minha vó: “Vem, Ni, ver televisão”. “Embaixo da mangueira tá tão limpinho, Ni”. “Os meninos estão descendo da escola, Ni”. Minha vó colou todos os pedacinhos do antigo espelho, mas não adiantou. Eram tristes as lágrimas da tia entrando nas fendas,

coladas. Seu rosto estava em pedacinhos. “Tá bonita, Ni, não mudou nada, né, João?” Eu balançava a cabeça que sim. Numa dessas noites, alcançou um galho de braúna que pendia perto de sua janela, amarrou um lençol em seu pescoço e pulou. Deixou um pequeno bilhete em garranchos. “Vou encontrar tio Januário. Depois que pegar outro espelho com ele, eu volto, viu!”.



03

O Espelho Invisível

por Matheus Willian Migotto
mesário do TRE-PR

Estaciono a três quadras do destino. Era a única vaga disponível indicada pelo computador de bordo. Toco em alguns botões na tela e deixo o veículo. Caminhando, me pergunto como havia tantos carros, mas nenhum ser vivo nas ruas. E isso inclui os demais cordados do nosso reino.

Após um par de minutos, assusto-me com a voz feminina do fone intra-auricular ressoando em minha cabeça: “Seu destino está à esquerda, bem-vindo à Hospitality Tower!”. Encaro a austera torre em vidro espelhado. Reparo na fachada. Os prédios do pedante bairro de classe média alta e seus pomposos anglicismos.

Entro.

O piso frio, a decoração em vidro e metal e o pé direito altíssimo realmente dão uma grande sensação de aconchego e hospitalidade. Sinto um nó no peito.

Na recepção, emparelho meu telefone com um totem. De pronto as informações sobre a consulta aparecem na tela. Confirmo alguns dados. A máquina me fotografa e expede um cartão para a entrada. Cruzo algumas catracas eletrônicas em direção ao elevador. Letreiros luminosos indicam o caminho.

Observo intimidado um corredor de elevadores. Ao meu lado assoma um pedestal. Na tela, a indicação para aproximar o cartão e digitar o número do andar. Em instantes a terceira porta da esquerda se abre. Hesitante, entro na caixa metálica e a porta se fecha. Não há painel de comando. Nem um único botão. Apesar da máquina super-veloz, a viagem parece interminável.

Finalmente, uma voz fluida anuncia o andar de destino e a porta se abre. Odeio essas coisas que falam e que não parecem ser coisas falando. Aliás, coisas não deviam falar em hipótese alguma. Sei lá. Defronte ao elevador, na porta de vidro jateado, lê-se: Centro de Acolhimento Humano. Forço a porta. Nada. De novo. Desisto. Dou meia-volta para retornar ao elevador. É tarde, a porta já se fechara. Tamborila o peito. Suam as mãos. Os olhos buscam, ao redor, algum ponto de apoio. Visualizo um pequeno painel ao lado da porta. Arrisco uma aproximação do cartão que tremula em minha mão. Ouço o desacoplar da fechadura magnética.

A sala de espera estava vazia. Do monitor, sobre a bancada de granito, a secretária virtual me recepciona e pede que aguarde. Tomo um gole d'água e sento. Tento me acalmar, mas a perna direita se agita incontrolavelmente.

A coisa me convida a entrar.

...

O sol débil e furtivo se escondia atrás dos pináculos de concreto e aço. Era inverno lá fora. Do 42º andar, através da parede de vidro, eu contemplava a paisagem em monólogo. O crepúsculo na metrópole. O ocaso na egópole. Era inverno também aqui dentro.

O expectador me observava, digitava e fazia a anamnese com a frieza e precisão de um robô. Multitarefa. Os óculos lhe atribuíam um ar ainda mais geek. Tipo um hacker. De mentes. Talvez mais para um catalogador: F32, F33, F34... E eu, objeto da classificação, só subia na escala.

Fiquei imaginando se por trás daquelas lentes, ao invés de células e tecidos, órgãos e sistemas, sangue, fezes e paixões, não haveria um intrincado sistema de circuitos e códigos binários em processamento numa complexidade inescrutável.

Nesse ínterim, a Terra girou 15º em torno de seu eixo. Percorreu

107.208 quilômetros ao redor do Sol. Bem mais do que previ. Bem menos do que aqueles que viriam pela frente. Apesar de acompanhá-la em tal trajeto, eu continuava exatamente no mesmo lugar e fora de lugar, como uma anomalia do espaço-tempo.

Deixei aquele ambiente insípido com o peso de um código ascético grafado em arcaico papel. Ao retornar ao elevador, inutilmente busquei pelo botão do térreo. O vazio da caixa metálica parecia ainda mais opressivo em seu minimalismo.

Abandonei o edifício como um mergulhador que busca oxigênio em direção à superfície.

No caminho até o carro, o telefone em meu bolso vibra freneticamente. Pego o aparelho. Na linha do tempo das redes sociais, entre pets jocosos, cenários paradisíacos e corpos esculturais, toneladas de propagandas das farmácias mais próximas. Curiosamente os produtos ofertados correspondiam aos da receita em minha mão.

“Compre com um clique”, “leve e ganhe”, “economize já”, tantalizavam os anúncios em cores vivas e fontes pulsantes. Ali, no meio da rua, toquei em um dos imperativos e fotografei a receita. Nem a digital foi necessária, o reconhecimento facial fez o trabalho restante.

De inopino, um vento sorrateiro roubou os papéis da minha mão. Assisti às folhas rodopiarem no ar e pousarem sobre o asfalto. O caminhão autônomo da companhia de limpeza da cidade, que passava por perto, rapidamente as eliminou. Não importa, sua essência já havia ascendido à nuvem.

Sigo até o carro. O GPS calcula a rota mais curta, com menor trânsito e consumo ótimo de combustível. Sem dúvida, sem escolha possível. Sou um mero coadjuvante atrás do volante.

...

Aguardando a abertura do portão automático do meu prédio,

observo um ágil drone com conhecido logo de drogaria se afastando. Minhas pílulas mágicas acabavam de chegar. Diferente de nós, o drone sabia exatamente aonde ir. Pensei.



04

A caranguejeira

por Antônio Eder Ferreira Lima
servidor do TRE-CE

Naquela noite Léo estava feliz.

No caminho para casa quase podia tocar as estrelas. Sua vibração interior harmonizava com o clima eufórico das festas juninas que transcorriam em seu auge e davam um tom mais colorido ao seu entusiasmo. Tinha escapado ileso à briga com Tarsila, ocasionada por “um pequeno deslize seu”, como ele mesmo classificou sua traição à namorada com quem estava há mais de quatro anos e com quem pretendia se casar em breve. A muito custo, a convencera a perdoá-lo. Dentro de poucos meses se casaria com aquela mulher especial e o mero vislumbrar da vida que teria lhe trazia um estado de espírito onírico, quase epifânico.

Decidiu interromper seu caminho para jogar alguma conversa fora com alguns conhecidos que, à beira de uma fogueira, conversavam ouvindo música. Ficou tão entretido com a conversa que ao lembrar de retomar o caminho pra casa já era muito tarde, pra lá de meia-noite. Ao retornar, viu uma aranha-caranguejeira próxima à fogueira. Foi então que, com os pés, a empurrou para cima das brasas incandescentes. A coitada tentava escapar do ardente suplício, mas, a cada tentativa de escape, era jogada novamente sobre as brasas até que, retorcendo-se toda, a infeliz morreu consumida pelo calor daquelas brasas que em breve se tornariam cinzas assim como a lembrança de sua existência.

Léo retomou seu caminho.

Mas em meio ao colorido da noite junina sentiu-se atacado por um imenso complexo de culpa. Por que fizera aquilo? Que raio de

insanidade o fizera destruir uma pobre criatura que lhe era totalmente inofensiva naquele momento? Sentiu-se um tirano. Uma metáfora psíquica o fez se colocar na situação do pobre aracnídeo. Quantas vezes ele não vivera uma situação semelhante? Quando a vida viera colocar mandinga em seus sonhos e o empurrara a labirintos surreais de dor, os quais, quanto mais ele tentava escapar, mais ele adentrava. Lembrou-se de vários momentos dolorosos de sua vida. Por um instante odiou-se por ser capaz de cometer tamanha atrocidade.

Mas a outra face de Jano também deu sua opinião a respeito do assunto: por que ficar tão ressentido consigo mesmo por causa de uma reles aranha? Não ficara com tanto remorso assim em outras ocasiões mais graves de sua vida. Por que agora iria se remoer por causa de uma aranha?

Não pôde concluir seu solilóquio. Um carro desgovernado o apanhara em cheio perto de sua casa.

Em fração de segundos viu seu próprio corpo jogado ao chão todo ensanguentado e o alvoroço de gente ao redor. Viu-se sugado por um túnel de luz e, em fração de segundos, percorreu distâncias quilométricas. Nesse trajeto viu milhares de rostos que lhe sorriam, faziam-lhe caretas, choravam, ou simplesmente mantinham-se imóveis num gesto seco, marmoral. Ainda tentava assimilar tudo aquilo quando divisou uma porta com umbrais dourados que se abria diante de si.

Do outro lado viu seres celestiais que lhe sorriam e lhe acenavam. Viu um Homem vestido de branco cujo rosto não pôde enxergar pois carregava o brilho de mil sóis. Mas isso não o impediu de notar que Ele lhe sorria. A simples visão do Homem de Branco o encheu todo de uma alegria e ternura indizíveis.

Porém quando intentou transpor a Porta para abraçar o Ser Terno que lhe sorria algo inesperado lhe aconteceu: um abismo psicodélico o sugara subitamente. Repentinamente, viu-se imerso num ambiente bizarro tingido de cores berrantes com uma plateia de indivíduos

cadavéricos que assistiam a um filme em preto e branco num telão empoeirado. Os indivíduos olhavam as cenas com um ódio estampado em seus olhos opacos e vazios.

Um pavor lancinante o assaltou quando viu que as cenas rodadas eram os eventos de sua vida. Os momentos mais obscuros, dos quais ele se envergonhava, estavam lá, sendo exibidos para um público que lhe parecia hostil e ameaçador. Todos seus atos de crueldade, desde os mais camuflados até os mais escancarados estavam ali em exibição solene.

Ficou perplexo ao ver no telão uma caranguejeira retorcida nas brasas de uma fogueira e logo após viu uma inocente criança sendo desfigurada pelas chamas de um incêndio. Fora-lhe revelada a loucura que fizera ao matar aquela aranha: ao trucidar o aracnídeo ele assassinara uma criança! Sim, pois aquele inseto fora enviado para despertar medo na criança e fazê-la sair de seu quarto em fuga e, desta forma, escapar do incêndio que consumira seu lar naquela trágica noite.

Aniquilado pela consciência de sua crueldade, caiu de joelhos e deu-se conta que sua parte seria naquele lugar maldito para onde iam aqueles que fazem mal ao próximo. Soltou um gemido plangente e lamentou ter desperdiçado tantas chances que perdera em vida. Ao fechar os olhos, surge um anjo que o arrebatava daquele inferno e o transporta para as alturas insondáveis para o soltar numa queda livre. Do profundo coma em que se achava há meses Léo desperta no leito da UTI do hospital da cidade. Adiante, vê uma aranha que lhe sorri um sorriso clarividente. Ele também sorri, pois compreende claramente o sorriso da caranguejeira.



05

A janela

por Rodrigo de Oliveira Rios
estagiário do TRE-BA

Não espero que tenham compaixão da minha história, nem sequer é tão triste como a de muitos outros pela qual fui o responsável. Compaixão é algo que nunca senti por ninguém, não posso acreditar que sintam isso por mim. Meu objetivo é apenas colocar diante do mundo, sucintamente, meu último dia de total desprezo a dor do outro e ao mesmo tempo meu encontro comigo.

Aquela foi à última vez que olhei alguém pela janela. Também foi a primeira vez que vi o outro me olhando pela janela, com o mesmo olhar de julgamento que uma vez lancei a todos que cruzaram o meu caminho. Sem mais delongas, é preciso contar como tudo acabou assim.

Naquele dia estava atrasado, como de costume. Não por algum imprevisto ou coisa assim, mas apenas por gostar de chegar atrasado. Aquilo fazia eu me sentir muito mais importante. Saber que os outros esperavam e dependiam de mim de certo modo dava um ar de superioridade.

Antes de sair de casa comecei a observar da minha janela o vai e vem das pessoas na rua. Todos sempre com pressa! Desesperados! Tentando ganhar alguns minutos em suas vidas medíocres (Aqui estava eu mais uma vez julgando as pessoas, mesmo que não estivesse sob minha competência). Percebi que a janela estava um pouco embaçada, não que isso me causasse maiores preocupações, afinal não me interessava quem estava lá fora. Até sabia que tinha alguém, mas não em quais condições. E pouco me importava, eu não era o causador do seu mal.

Ao entrar no meu carro, com destino ao fórum, sempre olhando os outros apenas pela janela. Vi uma criança pedindo dinheiro no sinal, uma família de moradores de rua tentando se abrigar da chuva, que caía insistentemente durante toda a madrugada, era inverno, ou era inferno, não sei! Só sei que no meu carro estava quente e abrigado. Também vi uma pessoa procurando alimento no lixo. Aquilo nunca me interessou, mas por algum motivo lembrei-me da pessoa que decidi a vida no dia anterior. Na verdade pensei mais nas palavras de seu advogado. Acusando-me de agir como um carrasco nazista. Sendo que eu estava apenas cumprindo as leis! Não tem nada a ver com o que Eichmann fazia! Não estou matando pessoas! Não tenho culpa se não seguem as leis. Será que Eichmann também olhava de sua janela os judeus que entravam nos trens com destino aos campos de concentração? Será que ele poderia fazer algo diferente? Ele também estava apenas cumprindo a norma. Temos culpa por não estar do outro lado da janela?

Meu celular tocou e prontamente atendi, mesmo sabendo que isso era errado e perigoso. Mas quem iria me punir por isso? Eu era a lei, eu tinha poder! Era o maldito do advogado do cara que mandei para a cadeia no dia anterior.

– Alô! – atendi.

– Você é um infeliz! – de certo modo não era uma inverdade

– Acabou com a vida de uma família toda. Mandou um cara para a cadeia mesmo ele sendo inocente. Você sabe que acabaram de encontrar o responsável pelo crime? Você sabe também que aconteceu uma rebelião e o sujeito que você mandou ser preso está morto? Tudo isso porque não aceitou as provas que apresentei e simplesmente mandou um cara ir preso por, teoricamente, ter furtado 5kg de feijão. Você é um miserável e ninguém se lembrará de ti!

Ao terminar todas aquelas verdades ele desligou. Fiquei em estado de choque. Meu desprezo e insensibilidade custaram à felicidade

de muita gente. Estava descontrolado! Não vi o ônibus que vinha em minha direção. Foi apenas um segundo até a colisão, mas naquele momento toda minha vida passou pelos meus olhos. Ao meu lado estava sentado o Eu criança, me perguntando se tudo aquilo valeu a pena. E a resposta era não. Não valeu! Então aconteceu a colisão.

Meu blindado que me protegia da violência da cidade e de todos aqueles que desprezava não me salvou. Na verdade foi parte da causa da morte. A equipe médica não conseguiu cortar as ferragens a tempo, e junto com os minutos corria também o meu sangue e a sensação de que não vivi. De dentro do ônibus milhares de olhos a me observar pelas janelas. Então pensei, será que os judeus também olhavam pelas janelas dos trens os seus carrascos? Será que olhavam com olhar de julgamento? Mas os olhos que se voltavam para mim só tinham pena. Eu também teria pena de mim se tivesse do outro lado da janela. Vivi uma vida desprezível.

Agora cá estou! Dessa vez não olho mais as pessoas da janela; agora são elas que olham para mim. Na verdade olham para o que fui. Uma janela minúscula que mostra apenas meu rosto. Dessa vez estou no lugar de julgado. Bom, pelo menos há flores! Em toda a minha vida elas nunca existiram. Agora estou cercado delas. Há flores por todos os lados!



06

A vontade do Senhor

por André Luiz Bedin Ferreira
servidor do TRE-RS

Amanhecia quando a chuva fina caía sobre os campos. Os empregados e máquinas da grande fazenda estavam prontos para iniciar mais um dia de trabalho no plantio da soja. Satisfeito, Jaime olhava para suas terras e seus funcionários que se agrupavam no enorme galpão do maquinário.

Tudo saíra dentro do cronograma. Sua esposa já estava vindo com aquela conversa de viajar pela Europa novamente. Na verdade, ele detestava tirar férias, viagens e descanso. Caribe, Mônaco, Aspen. Esses lugares só eram interessantes nos primeiros dias. Preferia ficar ali na fazenda, sentindo o cheiro do campo, coordenando o trabalho pesado, gerando riqueza, movendo a engrenagem que sustentava o país, vendo seu patrimônio crescer.

Às voltas com aqueles pensamentos, olhou para o lado e percebeu um homem na casa dos trinta anos aproximando-se cabisbaixo. Botas de borracha, camiseta surrada, calças encardidas. Reconheceu logo o empregado.

– O que houve, Heitor?

O funcionário mal levantou a cabeça.

– Bom dia, patrão. Sabe o que é, estou com um problema.

– Como assim?

Heitor segurou o crucifixo que trazia pendurado no pescoço enquanto falava.

– Recebi uma ligação da minha mãe e meu pai está muito mal no hospital.

– Que pena.

– O médico vai operar hoje de tarde. E eu queria estar lá com eles.

O canto dos quero-queros preencheu o silêncio do patrão. Após um momento, Jaime olhou para o lado e fez uma careta de desconforto.

– Eu sei que não é uma situação fácil, mas você sabe que não podemos nos atrasar no cronograma. Se não conseguirmos plantar tudo em tempo, vamos ficar no prejuízo.

– Eu sei, patrão, mas é que ele está muito mal...

– Olha, eu sinto muito, mas aqui temos uma missão importante a cumprir. Há quantos anos você trabalha comigo?

Heitor baixou o olhar.

– Cinco.

– E seus filhos não vão no ônibus da empresa estudar na cidade sem você pagar nada por isso?

– Vão sim, senhor.

– E sua esposa não está feliz na casinha em que vocês moram aqui na fazenda?

– Claro, patrão!

– Quando você chegou aqui era só mais um desempregado com mulher e dois filhos. Agora recebe um salário e tem todas essas mordomias. Não acha que está na hora de retribuir o esforço que tenho feito por você?

O empregado estava mudo.

– Tem muita gente de olho na vaga que você ocupa. Gente que trabalharia por bem menos, garanto.

– Eu sou muito grato por isso, patrão... Mas é que...

– Então demonstre! Tenho apenas a quantidade de pessoal necessária para o serviço. Não posso me dar ao luxo de perder ninguém agora. Vamos trabalhar que já está na hora. Tenho certeza que seu pai vai ficar bem.

O empregado tocou novamente o crucifixo e baixou a cabeça.

– O senhor me desculpe, mas eu preciso ir ver os meus pais.

Jaime respirou fundo, olhou para seu Rolex, depois, para as nuvens carregadas. Os quero-queros insistiam em sua cantoria. Finalmente encarou o funcionário com um gesto resignado.

– Está bem. Se você quiser, pode ir se acha que é tão importante assim.

Heitor sentiu esperança. Poderia ver o pai. Talvez tudo desse certo ao final... O pastor da igreja sempre dizia que era preciso ter fé que as coisas se solucionariam conforme a vontade do Senhor.

O empregado levantou a vista e Jaime completou.

– Mas se for, já pode passar no escritório para acertar as contas.

Pensei que você fosse um homem responsável. Que se preocupasse com a família, com o futuro dos seus filhos. Como vai ensinar a eles que o trabalho enobrece se está fugindo dele? Agora, preciso ir. Tenho muito trabalho a fazer.

Jaime deu a ordem para que os funcionários iniciassem as atividades e todos começaram a se movimentar.

Heitor abaixou novamente a vista. Mandíbula contraída, punhos fechados com força. Guardou silêncio enquanto o patrão se afastava. Sequer sentia a chuva que caía fina e molhava a pele. Depois de alguns instantes, foi até o galpão com seus companheiros, subiu numa das enormes máquinas e começou sua labuta.

Ninguém viu a lágrima que se misturou com as gotas de chuva que ainda deslizavam pelo seu rosto. Rezaria pelo pai, enquanto trabalhava. Afinal, era a vontade do Senhor.



07

Agonia

por Itamar Gontijo Camilo
servidor do TSE

É verdade que saboreara o jantar. É verdade que bebera vinho. É verdade que amara uma mulher. É verdade que fizera planos. É verdade que não via sentido em nada disso.

Suas razões não lhe apareciam nítidas: sabia no que consistiam as coisas felizes e as praticava. Reconhecia-se feliz. Tinha uma vida boa, com realizações a mostrar e prazeres a desfrutar. E suas frustrações não o incomodavam. “De que vale?”, e assim ia.

Lia bons livros. Mergulhava nos textos clássicos. Submerso naqueles mundos, sequer dava-se conta do seu redor. Até que acabava. Mil pensamentos, mil dúvidas, a vontade de discutir, debater com alguém. Logo passava, pois não encontrava o motivo ao se perguntar.

Queria escrever. Contudo, tudo o que importava lhe parecia já escrito. “De que vale?”

Comia com vontade. Até voracidade. Apreciava uma boa refeição, bem elaborada. Assim como apreciava um ovo cozido também. Era delicioso comer. Mas acabava. E então sentia fome de novo. E então precisava comer novamente. E então tinha prazer. E então passava. No final era apenas um processo de “encher o estômago”. Sacular uma necessidade primitiva. Um cachorro ou uma mosca não fariam melhor. “De que vale?”

Tinha um bom trabalho. Recebia um bom dinheiro. Mas não era o suficiente para deixar de trabalhar. Fazia o que precisava fazer e era pago por isso. Se não fizesse aquilo, teria que fazer qualquer outra coisa. Então fazia. Convivia com muitas pessoas que iam e vinham, pessoas do trabalho. Decorava nomes, sabia histórias de vida. Falava

e as ouvia. Elas iam, elas vinham, e ele as esquecia. “De que vale?”

Trabalhava pensando nas férias. Enquanto trabalhava, esperava as férias. Elas chegavam e ele viajava. Ia à praia, a outros países, à montanha. Calor e frio. Cidade e campo. Via lugares bonitos, apreciava sabores exóticos, conhecia pessoas. Sentia-se bem. Sentia-se fora da rotina. Mas descobria que apreciava a rotina, enquanto na rotina ansiava pelas férias. A viagem acabava. Precisava retornar ao seu trabalho e à sua casa (pois tinha uma) até que pudesse viajar novamente. Para poder sentir saudades da rotina viajando e ansiar pelas férias trabalhando. “De que vale?”

Amava uma bela mulher que o amava. Davam-se prazer. Desfrutavam de seus corpos. Um dia após o outro, por breves momentos. Pensava que no resto do dia não havia aquilo. E um dia era bem maior que aqueles breves momentos. Havia também todos os dias que não tinha aquele prazer. Que ela não era sua e que ele não era dela. Ou que em vez de se amarem, odiavam-se. Era tão rápido. Ademais, imprevisível até quando a teria consigo. E se não a tivesse, teria a quem? Não sabe se suportaria não ter alguém. Além disso, envelheceria de qualquer forma. “De que vale?”

Tinha uma vida. Precisava vivê-la. Precisava ser grato por ela e aproveitá-la, pois sua vida era muito melhor e mais fácil que a da imensa maioria. Não conhecia o sofrimento verdadeiro. Aquele sofrimento dos livros, jornais e televisão. O sofrimento que podia ver não o afetava. Era tanto, eram tantas pessoas sofrendo, que ele não sentia nada ao presenciar. Só sabia que não deveria sofrer. Sua vida era muito melhor que a da maioria. Tinha tanto. Deveria ser feliz e não sofrer. Tampouco ajudava alguém. Eram tantos. Não conseguiria resolver a situação de todos. Talvez de ninguém. Seguia sem sentir o que deveria sentir, sem se importar com o que via e achando injusto sofrer, pois outros sofriam mais. “De que vale?”

Olha para baixo. Dez andares de altura. Ninguém acha certo.

Nenhuma pessoa. Nenhuma religião. Ninguém também faz nunca o certo. E ao menos sua vida é sua. Nada mudará. Tudo da forma que já conhece e o tempo passando, calmo. Uma agonia por não saber o que fazer ou o seu lugar. Uma agonia por não saber se deve procurar por seu lugar. Uma agonia por não saber se existe o seu lugar. Encontra enfim uma opção. "De que vale?"



08

Ainda há esperança?

por José Ricardo Alvarez Vianna
magistrado do TRE-PR

Estou no aeroporto. São 18h30min. Enquanto aguardo o horário de meu voo, dois adolescentes se aproximam de mim. Dizem ser engraxates e propõem deixar meus sapatos brilhando. Bem, realmente meus sapatos estão precisando de um trato. Pergunto o preço do serviço e um deles responde: “só R\$ 8,00”. O valor me parece baixo. Talvez não dê sequer para comprar uma água por aqui.

Desconfio.

Aceito.

Sou esclarecido de que o serviço será feito fora do aeroporto, onde não há fiscais. A desconfiança volta. A aparência dos adolescentes recomenda cautela. Eles usam roupas simples e minha miopia e a falta de óculos me impedem de checar se suas mãos tinham sinais de graxa. Ainda assim, aceito. Ajo por impulso. Vou para onde me levam. Quero saber onde aquilo vai dar.

Paramos em uma pracinha, uns 60 metros da porta de entrada. Sou orientado a me sentar num dos bancos e a pôr meus pés sobre uma caixa de madeira; aquela, de engraxates. Atendo.

Há apenas uma caixa. Pergunto ao que está sem caixa onde está a dele. Ele justifica: “foi roubada”. Afirma que costumava escondê-la atrás de uma árvore que aponta; mas, hoje, ao chegar da escola, a caixa não estava mais lá. Neste instante, o outro, sorrindo, comenta: “fui eu quem fez a caixa para ele!”. E consola: “já disse que vou fazer outra; ele não precisa ficar chateado. Com R\$ 30,00, consigo. Depois é só comprar escovas e graxa”.

Pergunto o nome e a idade dos jovens. Um diz ter 15; o outro, 14 anos de idade. Chamam-se Everson e Daniel, respectivamente. Da-

niel está engraxando; Everson, a vítima do roubo.

Quero saber se estão estudando, afinal Everson falou algo sobre escola. Ele esclarece estar no primeiro ano do ensino médio, e destaca jamais ter reprovado. Pergunto a Daniel se ele já reprovou. Serenamente, ele responde que também não. Diz estar na 9ª série. Estou curioso.

Indago se já sabem o que querem ser quando adultos. Everson, convicto, responde: “quero ser engenheiro civil!”. Daniel, reflexivo, diz: “quero ser jogador de futebol. Se não der, quero ser veterinário. Tenho dó dos animais. Dói”.

Os meninos falam ao mesmo tempo, mal consigo entendê-los. Pergunto o que fazem com o dinheiro que ganham ali. Dizem que vai tudo para suas famílias. E o que sobrar vão pagar a excursão da escola num parque de diversões. Contam que já foram e “vale a pena! Bem mais do que no zoológico...”.

Aparece um terceiro menino. Eufórico, compartilha ter ganho 5 euros há pouco. Explica que recebeu de homem, de rosto vermelho, após falar: “clean shoes?”. Ao receber o dinheiro, ele repete seu agradecimento ao tal homem: “thank you!”. Eu nunca ouvi um “thank you!” tão feliz como aquele.

Pergunto se sabem inglês. Everson diz já ter estudado um pouco. Porém, lamenta ter precisado parar. Sua mãe perdeu o emprego e não pôde mais pagar. Ainda assim, promete: “quando eu puder, vou voltar”.

Questiono ao menino recém chegado qual seu nome. Ele responde: “Lucas”. E completa: “É um nome Bíblico!”. Daniel destaca que Lucas é seu irmão. Pergunto quem é o mais velho. Lucas adianta-se: “sou eu!”. Daniel contesta. Em seguida, esclarece: “Ele só tem 12 anos, mas não desiste de querer ser mais velho do que eu. Já disse que isso é impossível. Eu sempre serei mais velho. Tem coisas que a gente nunca muda na vida”.

Aos poucos, passo eu a ser o interrogado. Lucas quer saber quantas empresas tenho. Digo que nenhuma. Querem saber qual meu trabalho. Digo que sou juiz. Lucas, surpreso, indaga: “de futebol?”. Os demais riem. Um deles chega a zombar: “claro que não! Você não vê que ele usa gravata!”.

Pergunto se sabem o que faz um juiz. Daniel levanta uma das mãos, como se segurasse um martelo, e faz um gesto batendo-o sobre uma mesa imaginária.

Everson quer saber se uso capa preta. Respondo que às vezes. Ele me olha com espanto e nada diz. Fico quieto. Ficamos todos quietos. A figura do juiz os deixa tímidos. Contudo, Lucas retoma: “é difícil virar juiz? Você gosta?”.

Respondo: “é bem difícil virar juiz. É preciso estudar bastante. E gosto; muito”.

Após alguns minutos, chega a hora da despedida. Cumprimento-os um a um, chamando-os pelo nome. Aperto suas mãos de modo firme, olhando-os nos olhos. Desejo-lhes boa sorte! Insisto que vale a pena estudar e acreditar em nossos sonhos, muitos dos quais podem se realizar. Confesso que desde criança queria ser juiz; não foi fácil, mas consegui.

Antes de ir, pego aleatoriamente da carteira algumas notas – muito mais do que R\$ 8,00 – e as entrego a cada um.

Não sei o valor das notas. Nem quero saber. Afinal, nada paga a emoção ali vivida. Poder continuar acreditando que existem pessoas boas! Que sonham com dias melhores e lutam honestamente para isso.

Já de volta ao aeroporto, olho para meus pés e meus sapatos brilham. Alguns passos adiante e vejo meu rosto, refletido num dos espelhos do saguão. Agora são meus olhos que brilham; o brilho das águas que saem de dentro de mim e continuam a me dar vida. Ainda há esperança!



09

As palavras que não te disse estavam nos meus olhos

por Ricardo Francisco de Camargo Chagas
mesário do TRE-PR

Quando entrei dentro dela, ela chorou. Eu que sempre quis, em vão, arrancar um orgasmo, o que consegui arrancar foram lágrimas. Ela se envergonhou. Achou que havia estragado aquela que seria a nossa última noite. Pedi pra continuar. Não pare. Eu continuei meio sem jeito, como quem caminhava num corredor escuro, apalpando as paredes, tropecei num degrau inexistente. O que ela não soube, foi que as lágrimas que ela deixou cair sem querer, as lágrimas que eu arranquei dela sem querer, foram as lágrimas dela que me fizeram querer ficar. A maquiagem borrada, pelas suas lágrimas, pelos meus beijos. Os dois de boca tingida feito palhaços, foi o que nos arrancou sorrisos depois de uma despedida tão triste, que ainda não sabíamos que seria um recomeço e não um fim.

A gente continuou por mais uma semana, um mês, um dia de cada vez. Erámos tão diferentes. Eu com minha paixão pelo cinema, querendo que ela assistisse cada filme que vi, sentisse cada emoção que senti. Ela cochilando no meu peito pouco depois das luzes recém-apagadas. Ela ingênua e doce, num mundo de balões flutuantes cor de rosa, eu atravessando meu inferno astral, tão sombrio e soturno feito uma HQ do Batman. Duas crianças, apenas estilos e brinquedos diferentes. Adultos que trabalhavam domando um exército de crianças, ela o dia todo, ensinando o bê-á-bá, dentro de um castelo erguido com EVA.

Eu numa caverna de livros, esporadicamente, empunhando fan-toches como espadas, oferecendo livros como se fossem caixas de bombom. Tão diferentes e às vezes tão iguais. Ela sem sua mãe, sem

seus pais. Eu, só me restava minha mãe e minha criança. Ela querendo que eu cuidasse dela como uma criança que perdeu os pais.

Três anos se passaram num piscar de olhos.

Ela engordou, eu engordei, eram muitas gordices nos fins de semana e pouca coragem de fazer caminhada e academia. Caminhávamos devagar, mãos dadas, num pôr do sol de cinema, numa paisagem idílica que me deixava melancólico, pensando em morte e paraíso e ela dizendo que eu sempre dizia as mesmas coisas. Eu bravo porque ela nunca entendia as referências. No meu mundinho pop-nerd-rock-literário, ela brava porque não era romântico feito galã de novela, príncipe encantado, chefe de família nuclear.

A gente querendo se entender quando as luzes se apagavam e ninguém estava olhando, o corpo dela sobre o meu, o seu peso me fazendo esquecer todos os outros pesos do mundo, a pele macia, cabelos negros, longos e lisos, mestiça, olhos rasgados, numa completa indefinição entre os confins da Ásia e matas tupiniquins, antepassados perdidos numa miscigenação de séculos passados. Eu de olhos claros e cara redonda, atarracado feito um pombo, o sangue dos colonizadores europeus misturado com uma vó bugre e um vô capixaba.

Nossas brigas intermeáveis por WhatsApp, perto não dizíamos quase nada. Ela de olhos marejados, titubeando entre uma palavra balbuciada e outra esquecida pela metade, dizendo que gostava de mim, feito uma menina nos corredores de um colégio sem fim.

Eu tentando ser forte e ríspido feito uma rocha, dizendo que me basta meus livros e filmes, por dentro uma pedra lascada por ter perdido minha companhia no fim de semana, eu o moleque pirracento que chuta latinhas pelo caminho.

Ela brava pelas palavras que eu nunca disse. Você nunca disse que me amava. Pelas palavras que pra ela não escrevi. Você nunca escreveu pra mim. Eu tentando explicar que só escrevia sobre amores que doíam e sangravam e acabavam antes do fim. E que nosso amor

não estava no fim, embora às vezes doesse, era só uma dor de criança que ralou os joelhos e cotovelos.

Eu bravo porque ela nunca entendeu que as palavras que não falei estavam nos meus olhos, as palavras que não escrevi estavam no meu peito.

Ela brava comigo me batendo com o buquê que ela pegou em meio a solteironas ensandecidas, quando enfim percebeu, num momento de lucidez embriagada, numa discussão dentro do carro num fim de madrugada, que eu nunca seria seu noivo de smoking de pingim, num casamento de taças de cristais e bolo de marfim, que eu flertava com aquela espécie de vadio que vende artesanato na calçada, eu era poeta, beatnik sonhando com o pé na estrada, ela inconscientemente almejando o american-dream bem anos cinquenta.

Eu que quando estava muito triste, duma tristeza que não tinha mais jeito.

Ela tudo que conseguia fazer era me trazer um chocolate, em sua doce ingenuidade. Eu que queria escrever um texto triste, por nosso relacionamento que ruiu.

Ela que encontrou Deus ao mesmo tempo em que me perdeu, numa ironia apostólica romana.

Eu querendo escrever um texto como ela me pedia, doído feito um amor rasgado.

E tudo que consegui fazer foi um texto doce, feito um amor que deixa saudades, feito chocolate.



10 Brincadeira de criança

por Gustavo de Oliveira Arantes
servidor do TRE-PR

– Professor, a Polícia Nacional está parada do lado de fora da escola.

Tudo começou como uma maneira de prender a atenção dos alunos. Como inovar onde já se tem de tudo? Como se destacar em uma área em que você é apenas mais um? Essas reflexões passavam pela cabeça do professor João da Silva quando seu aluno interrompeu seus pensamentos com aquela frase.

– Estão aqui para proteger os alunos.

Ele sabia que não era esse o motivo, mas não havia o que fazer por agora a não ser se entregar. Há muito havia perdido o controle da situação. Nessa hora, já estava arrependido de ter começado tudo aquilo, mas nunca imaginou que sua “brincadeira de criança” teria uma repercussão tão grande.

Após liberar seus alunos, sentou-se em sua cadeira enquanto aguardava a polícia entrar na sala. Sentiu a cabeça girar, suas memórias virem à tona, até desmaiar batendo a cabeça na mesa e se teleportando para quando tudo começou.

Era uma manhã de segunda, feriado. João da Silva andava pelos cômodos da casa, incomodado, pensando em como chamar a atenção de seus alunos.

– E se eu fizesse um experimento social?

Mas que droga de experimento poderia fazer? Era um simples professor de história, estudou tanto e sabia todo o conteúdo, mas nunca lhe foi ensinado como a prática era tão mais difícil que as centenas de teorias que leu e releu dezenas de vezes.

Após muito planejamento e contando com a ajuda de alguns amigos, já sabia exatamente o que fazer no dia seguinte, durante a aula, iria recriar uma brincadeira de criança: o trote.

No dia seguinte, enquanto lecionava sobre os regimes políticos, cinco pessoas vestidas com uniformes do Exército Real entraram na sala, enfiaram um saco preto na cabeça do professor e o levaram, anunciando sua prisão em decorrência das críticas feitas ao rei.

– Seu presidencialista de merda, você finalmente vai aprender a respeitar Vossa Alteza; suas aulas agora vão ser no pau de arara, – disse um dos soldados.

Era crítico do rei, o que tornou tudo ainda mais realista. Sua ideia inicial era a de chamar a atenção dos alunos e voltar para a sala, mas na hora achou que seria mais interessante se não tivessem mais notícias suas por uma semana inteira.

Por mais que já soubesse que aquilo causaria uma enorme comoção, deixando alguns estudantes chorando na sala por medo, não contava que um dos alunos estaria gravando escondido a aula com o celular quando tudo ocorreu. E pior, que ele jogaria o vídeo na internet com um título bem chamativo e escrito em letras garrafais: EXÉRCITO REAL PRENDE E TORTURA PROFESSOR.

Foi o suficiente para aquele vídeo ganhar muitas visualizações. Em plena monarquia constitucional, um professor, crítico do rei, sendo preso e levado para ser torturado pelo Exército Real. Em menos de quatro dias o vídeo já havia sido visto por mais de dez milhões de pessoas no mundo todo. Na era da internet, não poderia ser diferente.

No começo, o professor riu com aquele experimento, aquela inocente brincadeira de criança. Mas percebeu que aquilo não era tão simples quando o vídeo apareceu no jornal do principal canal televisivo durante o horário nobre.

Achou que não poderia piorar, mas viu que estava extremamente enganado quando o próprio rei apareceu em seguida dando

entrevista e prometendo que aquele cidadão seria encontrado e os responsáveis pela sua prisão devidamente punidos.

A Polícia Nacional foi acionada e o Exército Real mobilizado, tudo para limpar a própria imagem após aquela repercussão. Os alunos, os conhecidos do professor, a cidade inteira, ninguém escapou de prestar depoimento.

Foi tudo tão rápido que o professor já estava no topo dos tópicos das redes sociais. Os críticos do rei divulgavam aquele vídeo para mostrar que repudiavam aquele ato contra a liberdade. Por outro lado, os apoiadores igualmente compartilhavam para justificar que seu rei estava resolvendo a situação.

Enfim, não importava o lado, a verdade é que aquela situação estava totalmente fora de controle. E, com os esforços empreendidos, não demorou muito para localizar um dos “sequestradores”. Foi quando toda a farsa foi descoberta, acompanhada ao vivo pela imprensa local, que nunca teve tanta audiência em toda a sua existência.

Com isso, não havia mais por que se esconder. O jeito era voltar para a sala de aula e terminar com o experimento carinhosamente batizado de “brincadeira de criança”. Era o que fazia quando a Polícia Nacional chegou na escola.

Pelo menos ainda teve tempo de ensinar mais uma lição aos estudantes: quando a palavra sai da boca, não volta mais. Nesse caso, descobriu que aquilo se aplicava também às ações. Uma vez livres, a palavra e a ação, já não mais pertenciam apenas ao sujeito, mas eram de toda a sociedade, fosse uma mentira ou uma verdade.

A lição fora dada, pena que já estava sentado na parte de trás da viatura policial e, antes de abrir os olhos, torcia para que toda aquela brincadeira de criança tivesse sido apenas um sonho ruim. Infelizmente, não era.



11

Canção da idade

por Cristiane Rodrigues de Andrade
servidora do TRE-CE

O menino apressou-se em direção ao baú carcomido e abarrotado de quinquilharias, localizado abaixo de uma escrivaninha no quarto. Lá restavam porta-retratos, bonecos de pano, lenços bordados, mapas, cartas, revistas e pequenos objetos decorativos. A pátina tomava conta das partes metálicas, enquanto rasgões e mofo marcavam os tecidos e papéis. Tudo tinha assumido tons de cinza ou amarelo. As bordas dos objetos, moldadas pelo tempo, assim como a sujeira e o odor que os envolviam, conferiam a cada um o ar misterioso que o menino descobria também em histórias de detetive. “Uma criança vendo com olhos de criança!”, divertia-se o avô.

Todas as tardes, o garoto se aproveitava de qualquer tempo livre para se refugiar na casa do velho. Eram casas imediatamente vizinhas, mas muito diferentes. Com o avô, não aprendia sobre a classificação dos animais, mas sobre os temperamentos deles; não aprendia sobre os nomes científicos das áreas geográficas, mas sobre os perigos delas; não aprendia sobre a composição das substâncias da natureza, mas sobre o uso quase mágico que delas faziam os antigos. À criança encantavam mais a idade e a história das coisas do avô do que a barulheira e a luminosidade dos brinquedos tecnológicos.

Naquele dia, a prosa e a brincadeira estavam especialmente vibrantes entre o velho e o menino. Enquanto a avó terminava de preparar um lanche na cozinha, um estrondo, vindo do quarto onde se-gredavam avô e neto, dissipou qualquer calmaria. A senhora correu ansiosa até o aposento, aflita com a possibilidade de que algo terrível tivesse acontecido. Já se recostando lânguida na porta do quarto, ela

confirmou seu medo. O marido gemia no chão. De um lado, também caídas estavam a vasilha com agulhas e medicamentos e a haste onde se pendurava soro. De outro, de joelhos, o neto tremia de olhos arregalados.

“Como isso aconteceu, menino?!” , gritou a avó, recompondo-se do pavor para, com imensa dificuldade, recostar o marido na parede. Os 90 anos do velho não se disfarçavam, principalmente depois do dia em que uma queda no quintal impusera a ele a prostração.

Dia a dia, ficava mais lívido, mais magro, mais sisudo. A esposa, já bastante idosa também, tinha o coração retalhado pela vertiginosa decrepitude do marido, sofria tanto por ele quanto por ela mesma. Imaginava seu futuro próximo com e sem o velho. Nenhuma das duas visões era feliz. Por sinal, a única coisa que levava alívio àquela casa era a presença diária do neto. Quando a voz aguda e mansa se pronunciava na calçada, era como se o sol avançasse sobre o jardim pela segunda vez no mesmo dia.

“A gente tava ‘bincando’, aí o vovô escorregou. Ele disse que ainda conseguia ficar em cima de uma perna só.”, o menino explicou finalmente, depois de muita insistência da avó. Ao tempo em que a senhora tentava reinjetar a agulha na veia do marido, a criança, consternada, desabava no terreno macio da própria ingenuidade. Pela primeira vez em meses, parecia compreender que havia algo realmente errado com o avô. O menino chorava sem consolo, pois o melhor amigo, depois de desmoronar novamente, talvez não tivesse o tão esperado conserto. O avô, naquele momento, parecia-lhe outro, detinha outra respiração, outras feições, outro olhar. “Você está louco, menino?! Seu avô não anda mais! Mal fala! Mal come! Mal se mexe sem ajuda!”, bradou a velha desesperada.

O pequeno continuava chorando, mas, finalmente, levantou-se para recolocar os objetos de enfermaria no lugar certo. A avó telefonou para meia vizinhança. Logo as pessoas começaram a avançar

pela casa. O senhor foi colocado no leito novamente. Ele tinha um aspecto sombrio e decepcionado, tragicômico até, mas não se queixava. Todos que entraram no quarto, sem exceção, tomaram-lhe o pulso, tatearam-no a testa, entrevistaram-no, perscrutaram-no para ter certeza de que um resto de vida ainda estava seguro dentro daquele corpo.

Finalmente chegou a mãe da criança. Impactada pela cena, julgou que não deveria ter deixado o filho, em pleno fulgor por aventura e desordem, fazer companhia ao doente por tanto tempo. “Desculpe, papai! Ele não deveria ficar a sós com o senhor. Vamos ter cuidado para que isso não aconteça a partir de agora.”. Até então, a despeito de tantas visitas, perguntas, assombros e apalpadinhas, o homem não se manifestara de qualquer maneira, ficara como um morto de olhos abertos. A promessa da filha, porém, teve efeito imediato sobre ele: “Não faça isso! Só por causa dele, ainda consigo sentir o gosto da alegria e ter alguma esperança. Que homem como eu não precisa disso para se manter de olhos abertos?”. A filha, apesar de claramente reticente, assentiu.

Mergulhado nas sombras da experiência, o velho entregou-se à apatia novamente. Sabia que era para poucos a matemática de compreender lições através da mera observação, a maioria precisava mesmo ouvir a saudade, essa canção da idade, para não se deixar levar pelos mesquinhos medos cotidianos. Ao longe, no entanto, ouviam-se apenas as sirenes de ambulância.



12

Cartas vivas - Estrela

por Alessandra Marques da Silva Thompson
servidora do TRE-ES

Entrei pela cozinha. Tudo era poeira e escuridão. Restos de insetos que entraram pelas frestas das janelas, já emperradas. A mesa não estava posta. Não havia louça para lavar nem panelas sobre o fogão. Não se sentia mais o calor da presença deles; o cheiro de pão quentinho; o perfume do café fresquinho. Ah, o café... Café tem cheiro de casa habitada. Costumo dizer que o cheiro do café é melhor que seu próprio sabor e que o “melhor café do mundo” estava ali: o que ele fazia.

Era durante os cafés, em volta daquela mesa, que eu ouvia sem cansar inúmeras histórias que tanto marcaram meu coração. A mesa é, de fato, um lugar de encontro. Nossas almas, desnudadas, se espelhavam. Era possível sentir quão parecidas éramos uma com a outra, tamanha a nossa identidade. Aquele lugar me convidava a ficar. Puxei uma das cadeiras, assentei-me, fechei os olhos e comecei a sentir. Sentia tão profundamente a sua presença e ouvia tão nitidamente a sua voz, que poderia jurar que ela ainda estava ali... uma presença real, quase palpável.

“... Isso mesmo, querida. Nasci na divisa com Minas Gerais. Era a sétima de dez filhos. Papai, um lavrador simples, extremamente dedicado ao sustento da família, mas um bobo. Perdeu tudo o que tinha. Quando nasci, ele já trabalhava como meeiro na fazenda dos Rosinha.

Eu tinha nove anos quando minha mãe faleceu. Papai, não suportando o peso do trabalho na lavoura, somado ao cuidado do lar, logo procurou uma mulher que pudesse assumir a casa, menos cuidar

dos filhos. Então, nos distribuiu entre parentes e vizinhos mais próximos. Fui parar na casa dos Rosinha. Morava, comia e dormia lá, em troca dos meus serviços domésticos.”

De repente... um ruído me despertou daquele estado letárgico. Seria mesmo real? Novamente, ouvi o barulho e então me dei conta de que era o som de inúmeras cartas sendo lançadas por debaixo da porta da cozinha, como se estivessem dali brotando. Levantei-me, olhei e nada vi. Quem será que entregou tantas correspondências? Resolvi abri-las. Peguei a que mais me chamou a atenção em razão da caligrafia no envelope.

“... Era tarde de domingo, após o almoço. Ao encerrar o piso da casa, adormeci sobre ele, ainda mal encerado. Ao abrir os olhos, vi sobre mim uma mão forte segurando outra fina e trêmula, que agarra-va uma vara, pronta pra me bater. Era seu Rosinha, segurando os braços de sua filha, impedindo-a de me surrar. Mal compreendia os burburinhos. Havia muito alvoroço.

- Vossa mercê almoçou? Vossa mercê fez sua sesta?

Pairou um silêncio no ar.

– Ela é uma criança. Se dormiu, foi porque precisava dormir. Estava cansada. Agora que descansou, seguirá com o trabalho.”

“... Todo domingo, eu era obrigada a ir à missa com a esposa do Seu Rosinha. Eram umas 6 horas da manhã, quando passei pela sala. Seu Rosinha estava lendo o jornal e, ao me ver de pé àquela hora, perguntou:

– Aonde você vai, menina?

– Eu vou à missa. Dona Florinda mandou eu me arrumar.

– E você quer ir?

– Não.

– Então, troca essa roupa.

– Mas... mas ela vai achar ruim.

– Muda a roupa! Eu tô mandando.

Mudei de roupa. Quando Dona Florinda me viu desarrumada, gritou:

– Menina, você ainda está assim? Vai me atrasar desse jeito!

Imediatamente, seu Rosinha interveio:

– Ela não vai à igreja.

– Mas ela é malcriada! Ela é atrevida! Tem muito pecado pra confessar!

– Não tem importância, mulher. Se ela morrer, eu compro o céu pra ela, mas ela não vai. Ela não quer.”

Abri uma carta após outra. Não conseguia entender, mas aquelas lembranças estavam trazendo sentido e compreensão da identidade impressa na minha alma, como se eu estivesse recebendo um bastão, numa prova de revezamento quatro por quatro, cuja missão é dar continuidade, até alcançar o objetivo traçado.

Abri mais cartas. Muitas de propagandas, boletos de pagamento vencidos, e uma que me chamou a atenção...

“Minha filha, minha primogênita, fruto do vigor da minha juventude, minha alegria, minha amiga, minha confidente, minha inspiração... Se bem a conheço, hoje você enfrentou um grande desafio. Se recebeu esta carta, é porque se sentiu pronta para estar face a face com a realidade e seguir seu caminho. Sempre achei que você conseguiria, apesar de você dizer que não. Sabia que um dia encontraria o caminho da plenitude, após a tempestade, após o caminho de solidão em razão da minha passagem... Isso mesmo. Olhe para o alto! Você é forte! Sinto-me feliz porque todas as dificuldades que enfrentei, os obstáculos que venci e as lutas que empreendi me levaram até você.

Lembre-se sempre de guardar a sua dignidade, a sua honra, a sua palavra. Essas lembranças são para trazerem esperança ao seu coração e não tristeza. Sua missão é prosseguir... Você é vida, minha filha. Tem amores e mais cores... Nasceu para brilhar! Mamãe.”

Triiiiiim... Triiiiiim...

– Oi, irmã! Tá acordada? Desculpe ligar tão cedo, mas alguma coisa me disse que você perderia a hora. As crianças estão no aeroporto com papai e mamãe, só esperando por nós. O que houve? Você nunca perde hora! Vai se vestir. Estou passando aí.



13

Correlação de forças

por Ana Margareth Gonçalves da Silva
servidora aposentada do TRE-RS

É impressionante como do nada irrompem acontecimentos imprevisíveis, impactantes. Pode-se dizer até mesmo inexplicáveis e incomuns. Coisas que parecem sob encomenda para desestabilizar. E obrigam, em caráter emergencial, um autocontrole extremo, um domínio de situação, uma frieza racional das atitudes.

Era mais um dia, em que, dentro da rotina corriqueiramente exaustiva, um certo momento adquiria status de verdadeiro evento: a hora do banho.

Ela, como em um ritual, prepara a toalha sempre macia e cheirosa, escolhe o aroma do sabonete líquido e os milhares de produtos para o cabelo. Liga o aquecedor para dissipar o vapor e mergulha na cachoeira quente que lhe proporciona o chuveiro a gás. Afasta-se um pouquinho para friccionar o corpo com a espuma mais deliciosa do mundo.

E nesse justo sacro instante seu olhar é estarrecidamente surpreendido por uma companhia, digamos assim, extremamente indesejável. Um microsser de cerca de dois centímetros de corpo, mais outros dois de cauda e tendo a parte mais larga, o abdômen, de mais ou menos uns cinco milímetros: uma lagartixa.

Era a verdadeira visão do apocalipse. Um grito foi abafado pelo pânico e uma decisão precisava ser tomada. Pensou em jogar-se para fora do box, estilhaçando o vidro temperado, pois não daria tempo para abrir a porta. Conteve-se. Talvez expulsar o monstro dali de dentro, cogitou. Mas como faria isso? Qualquer forma de enfrentá-lo era sumariamente impossível. Além disso, estava toda ensaboada e pre-

cisava terminar o banho. Dilema terrível. Teve muita sorte pois, de repente, ele – o monstro – resolveu entrar embaixo de uma estantezinha aramada à sua extrema diagonal, o que lhe deu um certo fôlego para continuar e decidiu apressar-se o máximo possível. Mas isso não trazia tranquilidade, a qualquer momento ele poderia voltar. Como o piso naquela parte ficava num patamar acima, dividido por um degrau, resolveu manter um riozinho na sua parte, que era a inferior, assim a fera não poderia se aproximar. Fechou a tampa do ralo, mas como a água empoçava rápido e ameaçava subir demais, precisava manter o controle como a uma represa.

Num desengonçado balé, o dedão do pé abria e fechava a tampa do ralo, uma das mãos a enxaguava e a outra afastava a espuma do xampu que lhe caía nos olhos. Aumentava o tormento estar impedida de vigiar o inimigo. Já pensou não poder ver quando lhe desse uma mordida que lhe arrancasse o pé? Ou não acompanhar seu crescimento instantâneo e deparar-se com um enorme dragão? Então não se importava se ardiam, os olhos eram mantidos abertos, arregalados e vigilantes.

Quando finalmente o banho terminou e pôde sair, sentiu o maior alívio de todos os tempos, inclusive entendeu o significado do tal “tempo psicológico” naquele banho de curtíssima duração. É claro, isso tudo aconteceu com uma amiga de uma amiga de uma amiga.



14 Dependente de hora extra

por Paulo César Georges Karmouche
servidor do TRE-MS

Entrevistador – Boa tarde. Você pode nos dizer seu nome?

Dependente – Boa tarde. Não, somente as iniciais: H.E.

Entrevistador – H.E., como se iniciou sua dependência de horas extras?

Dependente – Vem de nascença. No meu nascimento, o trabalho de parto de minha mãe foi longo e complicado, se estendeu e teve duas horas a mais do que o normal.

Entrevistador – Como foi sua infância e adolescência?

Dependente – Já apresentava sinais do vício. Ficava de recuperação todo ano, para ter um mês a mais de estudo. A sessão de cinema se encerrava e eu não ia embora. Ficava lá até começar a outra sessão de filme, mas sempre eu era expulso pelo lanterninha. Também torcia para os jogos de futebol irem para a prorrogação. Chegava ao ponto de eu torcer para meu time tomar um gol quando estava vencendo, somente para ter o tempo extra.

Entrevistador – Quando o problema se agravou?

Dependente – Quando passei no concurso do TRE e tomei posse. Logo veio o período eleitoral de 2002. O pessoal falava “experimenta fazer uma horinha por dia, sem problemas, é normal, não dá nada, todo mundo faz, você vai gostar”. Comecei fazendo, meia, uma hora ao dia. Eram os tempos áureos do orçamento no judiciário federal. Não sabia que iria chegar aonde cheguei.

Entrevistador – E aonde você chegou?

Dependente – Bom, como eu já tinha pré-disposição ao vício, fui aumentando minha carga. Passei a fazer três, quatro horas extras

ao dia, oito, dez horas aos fins de semana e feriados. Não tinha mais limites. Fazia horas extras até sem autorização. Não me importava. A vontade de ficar trabalhando mais era maior. Não me importava com o resultado, se seria indenizado em pecúnia ou se iria para banco de horas.

Entrevistador – Como você se sentia?

Dependente – Quando estava fazendo hora extra sentia satisfação e a vontade de continuar. Era uma sensação prazerosa. Colegas mais próximos viram meu problema com horas extras e me aconselharam, tentaram me ajudar: “vai com calma H.E., dá uma segurada!”. Mas eu já não tinha mais forças para parar.

Quando eu ia para casa é que meu mundo desmoronava. Sem as horas extras vinha a tristeza, a solidão. À noite os sintomas de abstinência eram mais fortes ainda. Passei a sofrer de insônia, não conseguia dormir sabendo que poderia estar fazendo hora extra sobre adicional noturno.

Entrevistador – E a sua família, como reagia?

Dependente – Era difícil para eles. No início, a família não compreende o problema. Achavam que eu era ausente do lar. Minha mulher começou a ficar desconfiada e ameaçou se separar de mim. Dizia que eu estava fazendo serão extra com outra mulher. Não vi minha filha mais nova crescer, perdi seus bons momentos da infância. Eu saía de casa às sete da manhã, quando ela ainda estava dormindo, e voltava somente lá pelas dez da noite, quando ela já havia dormido.

Também não ficava com a família nos finais de semana e feriados, pois eu queria fazer hora extra para ter a prazerosa sensação de estar trabalhando 50 ou 100% a mais do que o normal.

Entrevistador – E fisicamente, você teve alguma sequela?

Dependente – Sim, a principal foi que eu emagreci demais. Havia a orientação para darmos uma pausa de uma hora para almoço, porém eu não almoçava para não ter que perder uma hora extra do dia, en-

tão acabei emagrecendo muito.

Entrevistador – E hoje, como você está H.E.?

Dependente – Estou melhor. Estou me tratando numa clínica de reabilitação para viciados em hora extra. Vou lá todos os dias da semana. É tudo muito rigoroso, principalmente o horário, eu não posso ficar lá um minuto a mais do que o recomendado pelo médico. É um dia de cada vez.

Os profissionais nos aconselham a não fazer o primeiro minuto a mais do expediente de trabalho, porque para perder o controle novamente e ter uma recaída é muito rápido.

Entrevistador – Que tipos de profissionais cuidam de você nessa clínica?

Dependente – São psicólogos, psiquiatras, terapeutas. Conversam bastante com a gente, orientam, como eu disse, a não fazer o primeiro minuto de serviço extraordinário. Estão sempre dizendo: “não faça o primeiro minuto”! São bons profissionais, dedicados, de vez em quando até faço umas sessões extras para ver se acelero a recuperação.

Entrevistador – Bom, estou encerrando a entrevista.

Quero agradecer sua coragem, H.E., de dar este depoimento e revelar esse problema que possuí, torcendo para sua breve recuperação.

Dependente – Mas já acabou a entrevista?

Entrevistador – Sim, temos que encerrar.

Dependente – Não dá para fazer uma horinha extra de entrevista?

Entrevistador – Não, infelizmente não.

Dependente – Nem se pedirmos autorização para o Diretor-Geral?

Entrevistador – Não.



15 Domingo

por Ana Carolina da Silva Rocha
servidora do TRE-SP

Acordou bem cedinho naquela manhã.

O céu ainda estava azul escuro e a linha do horizonte começava a alaranjar na borda do horizonte, bem aos poucos, como naquelas telas que a professora de pintura fazia, e que tentava copiar. Fazia uma porção de aulas de pintura: em tela, panos de prato, em manta... se descobria, cobrindo os móveis. O tédio é que era um cobertor difícil de sair.

Aquele dia seria diferente. Era dia de eleição. De todos os domingos, aquele era o mais aguardado: sabia que ele vinha a cada dois anos e sempre dava aquela sensação boa, bem de dentro do estômago, que ia passando pela garganta, corria direto para a boca feito um berro: sua voz seria ouvida.

Um dia antes, deixou tudo pronto: documento de identidade e o título meio desbotado. Antigamente, mais antigamente que gostava de admitir, chamava carteira e era um papelão duro. Olhou bem para o substituído meio amassado, mas muito bem conservado, sem uma orelha sequer, como gostava de se gabar:

– Quem tem cuida...

Sabia o que era cuidar: cuidou de filho, de marido, de genro, de nora, e neto, de bisneto e até de vizinho.

Cuidava das coisas, como os livros dos filhos e dos netos. Mantinham-nos guardados até aquele dia e sempre os folheava, meio à toa, meio sem querer, para ajeitar a bagunça que nunca cessava. No meio dessas folhas sempre via um mapa. E, nesse mapa, as letras BRASIL escritas em cima do desenho. Soletrava, falando cada letra:

B-R-A-S-I-L.

Na hora de votar, silenciosamente, sentia que fazia um pedido, e bem em cima daquele desenho colorido, representado pelo mapa desenhado nos livros da escola, tudo que queria que acontecesse com o país, com a cidade, e, de alguma forma, alguém ouviria. Sua opinião tinha valor:

– Vó, a senhora já acordou? Tão cedo...

– O café já está na mesa. - respondeu automaticamente, e sorriu para neta, que bocejou bem alto, fazendo eco na casa de muitos quartos.

– Palhaçada! Só você e esses políticos corruptos que se animam para votar! O esposo, que apareceu de supetão, fez uma careta.

– E o senhor, por acaso, não vai?

– Não vou, não! - Tolice! Comemorei o dia que não precisei mais participar dessa balbúrdia...

A contragosto, suspirou, olhou pro teto. “Rabugice que é difícil de cuidar”. A neta riu com gosto da cena, que se repetia em alguns momentos ao longo do dia:

– Já vou, está bem? Volto loguinho para fazer aquela parmegiana!Exagerou no “aquela”.

Escutou, já fechando o portão de grades de ferro, ao longe, o velhote resmungar outras palavras indistintas, como de costume.

Caminhou até a escola, usando os melhores sapatos, os da misa: rosados com um leve saltinho de madeira. Usava o vestido de flores e brincos de pressão incrustado só em ocasião especial. Não queria ser vista de qualquer jeito, desmantelada, como se não se importasse. E, assim como ela, a cidade também precisava disso: cuidados.

Talvez votar fosse isso: se importar!

Entrou na escola, sorrindo de canto ao porteiro. Era a escola que seus filhos frequentaram por um tempo, dispensava introduções, todos a conheciam.

– Ó, lá vem dona Malvina! Como sempre veio cumprir o seu dever de cidadã bem cedo!

Sorriu para a merendeira que cumpria o ofício de fiscal, auxiliando as pessoas a achar a sua seção. Sabia a sua de cor. Nunca tinha mudado: uma salinha no térreo do casarão. O jeito de votar, porém, tinha mudado. O mundo tinha esse hábito de mudar. Sabe-se lá o medo da mudança das pessoas. Que poder, poder mudar!

Lembrou do dia que aprendeu a escrever. Taí uma mudança que havia gostado. Aprender a ler. A letra nunca fora tão linda como a da neta, mas tentava caprichar nas curvas.

Escrevia, ali no papel os seus desejos de mudança que tinham nome de gente e botava lá na urna marrom. Agora, substituída por urna com tecla, tela e botão:

– Vovó, precisa de ajuda? - um rapazote magricela lhe perguntou. O adesivo grudado no peito indicava que trabalhava ali. Mascava chiclete, com a boca de lado, como um boi daqueles que via muito na fazenda onde cresceu:

– Sabia que hoje é tudo por celular? A senhora tem um?

–Tenho, sim, mas deixo desligado e em casa. Pode deixar, meu jovem, respondeu com olhar sereno e lhe mostrou o título. – Vou pelo jeito antigo mesmo.

Sabia que a juventude se comunicava por botão tecla e tela, numa agilidade que seus dedos já não alcançavam e jamais alcançariam. Mas estava tudo bem. Apesar de sentir que todos queriam que ela já tivesse terminado, tanto o voto quanto o almoço do domingo, não tinha jeito: tinha que ter paciência.

Talvez aquela coisa de tecnologia fosse como a política: não entendia como funcionava muito bem, mudava rápido e podia ser inconstante, mas integrava, evoluía e todo mundo precisava dela.

Assim como a ler e pintar, ia aprender a teclar também. Meio devagar, meio sem saber, errando e tentando consertar, pedindo ajuda

de vez em quando e incomodando os apressados. Às vezes não conseguia.

Paciência.

Talvez fosse assim também com a democracia.



16 Entre flores e espinhos

por Francisco Filardi da Silva
servidor do TRE-RJ

Enquanto o metrô seguia, passageiros se acotovelavam no inevitável tráfego de todas as manhãs. Esses, gladiadores modernos que são, digladiavam não só pelo espaço físico diminuto mas pelo oxigênio que rareava entre uma e outra estação. Era também assim aos finais das tardes. Jailson, por sua vez, não se dava conta daqueles que o faziam a três passos dele. Mantinha os olhos imersos nas páginas de um livro cuja narrativa o transportava, mente e alma, para distante dali. Era esse exercício de hipnose autoinfligida que o tornava refratário àquele ambiente hostil.

Mas, ainda que não ouvisse as conversas no entorno, a ladainha dos ambulantes, o sinal sonoro dos celulares ou os anúncios das estações, a Jailson não passou despercebida a mulher que se desencilhava de um ou outro cotovelo com relativa facilidade. Ela vinha, pois, em sua direção: aproximou-se e pôs um panfleto sobre seu livro mágico, sem pedir licença ou dirigir-lhe qualquer palavra. Apenas deixou-lhe o impresso e fora abordar outros passageiros. Jailson interrompeu-se e leu o escrito.

Ela, que nascera muda, solicitava ajuda financeira. Ele, por sua vez, sorriu para si, já com a ideia a brotar-lhe no espírito: fez do panfleto uma dobradura em forma de rosa e ofereceu-a à jovem que, à essa altura, retornava para recolher o material distribuído. Ela, no entanto, tomou de Jailson o papel transfigurado, amassou-o e atirou-o ao chão, contrariada. Mas ele não a censurou; sorriu sem exhibir os dentes e agachou-se para recuperar a rosa desprezada. Sacou do bolso uma nota de cinquenta e entregou-a à pedinte. O rosto da jovem

transtornada esmaeceu, pois ninguém jamais lhe oferecera tamanha quantia.

Ainda assim, tomou para si a nota irrecusável e deu de costas, com ar indolente. Jailson a viu desaparecer entre os passageiros, com a mesma relativa facilidade com que chegara até ele. E pôs-se a manusear a dobradura para recompor a forma que lhe dera.

Ao lado de Jailson, uma idosa que presenciara a cena comentou:

- É incrível como as pessoas rejeitam uma gentileza ou um gesto de solidariedade que não seja o financeiro.

Ele não coube em si. Voltou-se para a simpática senhora, cujos cabelos enevoados e os olhos caridosos espelhavam o seu espírito extraordinário, de luz estranhamente humana, desejando compartilhar com ela aquele momento íntimo:

- É simples: há pessoas que não sabem receber. São flores com espinhos.

Ele tornou a olhar a rosa, deu-lhe um último retoque e ofereceu-a à estranha. Ela sorriu. Ambos sorriram. E Jailson desceu na estação seguinte.



17 Fábrica de sardinhas

por José Alexandre Santana da Mota
servidor do TRE-RJ

Foi em meio a muita festa que Latícia chegou à fábrica de sardinhas enlatadas da cidade praiana de Mareal. A gorducha prateada gigante era bem espaçosa, e viria a ocupar o lugar de umas cinquenta pessoas naquele galpão. Mas era muito bem-vinda! Afinal de contas, a recém-chegada era capaz de fazer o mesmo trabalho daquelas cinquenta pessoas na metade do tempo.

Não demorou muito para que a máquina solícita fizesse amizade com os colegas de trabalho. Até fora convidada para o amigo-oculto daquele ano. O presente? Uma cesta de latas recheadas de sardinhas.

Latícia reinou absoluta sobre aquele mar de pessoas e sardinhas mortas, quase sempre mais vivas que os seus algozes, quase nunca mais oprimidas. Mas, poucos meses depois de um intenso caso de amor, aquela grande gorducha prateada já não era mais unanimidade. Os colegas de trabalho desejavam sempre mais e mais. Vaidosa, a gigante de lata passou a interromper o funcionamento toda vez que se sentia pouco bajulada. Estava certa de que, para continuar reinando absoluta, era preciso crescer.

E cresceu: ficou mais parruda, agora tinha mais funções. Algumas peças foram trocadas e outras foram incluídas. Agora, as latas saíam já esterilizadas, prontinhas para o consumo humano. Era o megazord das latas de sardinha! Crescera tanto, que ocupara o espaço de mais alguns colegas de trabalho. Uns vinte ou trinta, não sabia o número exato. Uma pena: o amigo-oculto daquele ano teria menos participantes.

Depois de tantas demissões, os poucos colegas que restavam não estavam dispostos a bajar aquele trambolho de lata autossuficiente. Nem clima para amigo-oculto havia mais. Latícia se preocupava que o ambiente pesado afetasse as pobres sardinhas. Já não bastava estarem mortas, precisavam ainda ficar azedas? A situação estava cada vez mais insustentável. Era hora de crescer um pouquinho mais.

Alguns engasgos depois, a máquina ganhou uma função capaz de limpar as sardinhas antes de serem enlatadas. Mais tarde, tornou-se ela própria capaz de injetar o líquido que cobriria o pescado. Seu preferencial era o azeite, mas também tinha a função extrato de tomate disponível. No fim, já encaixotava sozinha as latas para envio aos apreciadores daquela iguaria.

Latícia chegara ao auge, ocupava todo o galpão, não precisava lidar com mais nenhum colega de trabalho, aquela gente lenta e antipática, incapaz de fazer seu trabalho num ritmo minimamente aceitável. Agora, a fábrica era todinha dela. Estava livre para produzir.

E produziu. Produziu. Produziu. Produziu tanto, que não havia mais espaço para colocar as caixas. O que estava acontecendo? As pessoas não gostavam mais de sardinha?

A quantidade de caixas cheias de latas, cheias de sardinhas foi tão grande, que foi necessário pausar a máquina para interromper a produção. As pausas se tornaram habituais: uma hora, um dia, um mês... Ninguém mais comprava sardinha. Latícia tentou fazer naquela situação a única coisa que sabia: crescer. Mas espaço não mais havia.



18 Formiga literária

por Enya Melissa Murara
estagiária do TRE-PR

Quando eu era pequena, comia formigas. Diziam que era bom para os olhos. Não sei se é verdade, mas, até hoje, não uso óculos. Além disso, convenhamos que é um alimento natural. Hoje em dia também não como mais nada natural. Por falta de tempo, recorri às comidas congeladas e aos fast-foods. Não é algo para se orgulhar, mas são tempos modernos. Enfim, logo você entenderá o motivo pelo qual fiz uma pequena retrospectiva da minha vida alimentar.

Era uma quinta-feira, eu estava sentada em minha poltrona preferida do escritório. Gosto muito dela pelo fato de que os raios solares, quando o clima está frio, aquecem-me enquanto leio meus livros favoritos. Neste dia em específico eu lia *A paixão segundo GH*. Não conhecia muito sobre a autora, mas gostava da forma intimista empregada em suas histórias. Ela tinha o poder de me conduzir pela narrativa a partir dos pensamentos dos personagens. Estava concentradíssima quando algo me desconcentrou:

– Eu não acredito que ela vai fazer isso!

Procuro o lugar de onde sai aquele som fininho e estranho, porém não o encontro.

– Eu? Quem é você?

– Eu sou eu,oras!

– Então você não sou eu?

– Não! Já lhe disse que eu sou eu.

Naquela altura não sabia se estava louca ou cansada de tanto ler. Continuei a deleitar-me com o livro, até que ouço novamente a vizinha:

- Eu gosto da Clarice Lispector.
- Mas quem é você?
- Vai dizer que você não sabe quem sou?!
- Não!
- Eu sou uma formiga!
- OI????????
- Uma formiga, oras. Por acaso você achou que eu fosse sua consciência?
- Claro, seria o mais plausível. Onde você está?
- Na sua testa, daqui tenho ampla visão do livro.
- E como você fala?
- Você sabe como eu falo! Sei que você tem aulas de Linguística e sabe como a fala é produzida.
- Sim, mas também tenho aulas de Língua Portuguesa e aprendo que a Linguagem é uma capacidade puramente humana.
- Mentira. Olha eu falando aqui.
- Por isso que estou incrédula!!!
- Vamos parar com esta conversa chata e vamos ao que importa: literatura.
- Então você gosta de ler?
- Sim! Este é o segundo livro que leio com você nesta semana. Mas não gostei muito do primeiro, gosto mais do segundo.
- É, você disse que gosta de Lispector. Leu muitos livros dela?
- Só faltava esse! O antepenúltimo morador lia muitos livros dela também.
- E o penúltimo?
- Ah, ele era chato! Só lia Paulo Coelho.
- Realmente, ninguém merece Paulo Coelho.
- Pois é.
- E você gosta mais de alguma escola literária?
- Do Modernismo Brasileiro principalmente.

- Eu também, porém sei pouco sobre.
- É, eu vi que você foi mal naquela prova.
- Então você me espiona?
- Não, só dou uma olhadinha de vez em quando.
- Hm, entendi.
- Mas eu posso lhe ajudar, se quiser. Sei muito sobre as três gerações. Gosto mais da terceira, que se enquadra a parte intimista, o monólogo interior e a epifania da Clarice Lispector.
- Ah sim, também gosto das características intimistas.
- Além disso, gosto do Manifesto Antropofágico, do Oswald de Andrade.
- Sim, é interessante. Você parece saber mais do que eu mesmo!
- Pode ser, tenho mais idade que você.
- É, faz sentido. Agora, voltemos ao Oswald de Andrade, explique-me um pouco sobre a obra dele, por favor.
- O manifesto a que me referi fala sobre a poesia de exportação. Antropofagia significa comer carne humana para absorver as qualidades e os conhecimentos de outra pessoa.
- Hmmm, interessante. E você acredita nisso?
- Nunca pensei muito sobre, por quê?

(Silêncio)

Naquele instante, eu tive meu momento de epifania. Dei um tapão na testa, matei a formiga e a coloquei na boca. Engoli. No dia seguinte teria uma prova de literatura, esperava ansiosamente para que os conhecimentos daquela formiga literária passassem para mim. Além disso, segundo o meu diário alimentar, estava na hora de voltar a ser saudável.



19

Interstício

por José Ronaldo Siqueira Mendes
mesário do TRE-MG

E teve também aquele dia. Eles não gostam que se comente, acham que traz mistério demais para a vida. Putz, quanta besteira! E quer mistério maior do que se estar vivo? Você, no agora de todas as coisas e, então, xilim, você no nunca do tempo presente, então, não tem como ser mais do que já é, né, não?

Pois é, naquele dia, sol manso de manhãzinha, um frescor que vinha do rio e abrandava a carcaça de todo mundo. Nenhuma reclamação, ninguém triste, ninguém chateado. Os homens cumprimentavam-se na rua, tirando os chapéus, para todo e qualquer um, não importando as diferenças quaisquer que fossem. As mulheres sorriam, não falavam as lacraias costumeiras. As crianças corriam para não perder a aula e, na sala, não conversavam, só realizavam as tarefas escolares. Nenhum assalto, nem uma desvida: nada de nada.

Os policiais, para não ficarem ociosos, optaram por trabalhos voluntários no orfanato e, de tanto que se apegaram às crianças, não restou nenhuma sem família. Percebem, um dia assim, em movimento, mas com uma imobilidade de quadro de exposição latente. Percebem?

Um dia como se não houvesse existido, entendam, uma perfeição harmônica onde só em uma utopia poderia ser real, um dia em que o mundo como o conhecemos, deixou de existir, um dia comum, percebem, onde todos pensavam que tudo ia bem e nem sabiam o que acontecia com o espelho da existência, vocês entendem isso?

Esse dia, esse dia que poderia ser hoje, ou ontem ou amanhã, entenderam? Que não haverá cataclismo, hecatombe ou fim apoteótico? Está mais para saidinha para o parque com o cachorro na coleira,

ou ir tomar um expresso na cafeteria do cinema. Um dia ordinariamente comum? Um dia qualquer por demais, hein, entendem isso?

Mas prometam que vocês não contarão nada disso a ninguém, ok, esse povo de mente diminuta não entende a beleza de um dia assim. Acha que é o fim das coisas como se as coisas precisassem ter um fim para existirem. E quem disse que há um início? É, isso mesmo, quem garante que tudo isso aqui iniciou, hein? Algum dia? Quem?

Não sabemos nem se isso aqui é existência, meu amigo, quanto mais se começou ou terminará. Isso aqui, esse nosso agora, pode não passar de suposições de algum autor para um conto ou romance, um roteiro, quem sabe. Pensaríamos estar vivos do mesmo jeito, não acha?

Mas voltando ao assunto, todos os débitos foram acertados, nesse dia, foram perdoados. É que no perdão, ainda sobra um resquício de dívida moral. Em se pagando a dívida, não se resta mais nada pendente, nem a obrigação social de se retribuir o aceno, ou o aperto de mão, se você não estiver disposto a. O amor foi sincero e eterno, nesse dia. O ódio também. A indiferença não se manifestou, não houve guerras, não houve lamentações, lamúrias, embora fossem poucos os sorrisos e gargalhadas e as orações. Vocês estão captando a essência disso? O porquê esse dia é tão diferente, tão especial? A razão de eles não quererem que se mencione a passagem desse dia? Se bem que eles nem sabem ao certo se esse dia já passou mesmo ou se está se perpetuando no tempo do ainda. Eu nem era nascido, quando aconteceu, e olha que já carrego bastante pó de estrada nessa pele crepitada pelo sol, nos depósitos de eras nos cantos dos olhos.

O pavor deles, por esse dia, vocês já sacaram? Foi um dia, não um reles, comum, mas foi o dia. Não em absoluto. Ninguém fez a passagem nesse fatídico dia. Nem chegou por aqui. Sim, nesse dia, ninguém também nasceu. E eu não digo isso numa escala micro, não.

Não foi só nesse vilarejo que tudo isso aconteceu, não. No ma-

cro do mundo, por sobre todo ele, essa tela invisível recobriu toda a essência dessa realidade. Ninguém veio para esse mundo nesse dia, nem se afastou dele. Isso deve ter enfurecido bastante a administração, hein? Esse ato de protesto da vida, essa manifestação do não: hoje, não! Mas nem isso sabemos. Pode ter sido jogada deles também. Há algo de maquinável na realização das coisas por si só. Um plot, uma intenção sórdida de nos baratinar as ideias, fazendo com que pensemos ser algo aleatório. Só que não é. Não é bem assim, vocês percebem?

É, eu sei. É. Claro.

O dia em que conviveram, a tal ponto de se anularem. O dia do alfa e do ômega, do zênite e do nadir. Naquele espaço antes da letra maiúscula inicial de uma sentença e logo após o ponto final. Mas mesmo assim, vocês já perceberam, não? Perceberam. Perceberam sim.



20

Mudança

por Juliana Froner Dalla Rosa
servidora do TRE-PR

O caminhão partiu com nossos móveis. Tempo de mudança. Minha mãe, Jandira, já idosa, faleceu há algumas semanas. O enfarte fulminante pegou a todos de surpresa. Agora eu fechava as portas e janelas da casa vazia, com cheiro de saudades. Eu, ela e minha filha, Rafaela, éramos as últimas moradoras da casa em que nasci.

Meu pai se foi quando eu tinha quinze anos, levado por um câncer que minou aos poucos suas forças. Sem qualquer outra opção, mamãe cuidou de mim e de meus irmãos com afinco. Queria os filhos bem encaminhados na vida. E assim foi! Meus dois irmãos são casados e tem ótimos empregos. Eu, por outro lado, naufraguei mais de uma vez. Sou a caçula, única menina, mimada. Mesmo assim, eu queria conquistar o mundo! Era jovem, cheia de esperança!

Terminei meus estudos e reivindiquei o parco dinheirinho que eu imaginava existir da herança de meu pai. Hoje sei que não havia dinheiro algum, mamãe juntou suas economias e me deu. Fui para os Estados Unidos, aprendi inglês e arranjei um emprego. Apaixonei-me por um colega de trabalho, ficamos juntos por alguns meses. Ele nunca assumiu o relacionamento, mas eu não me importava. Estava vivendo uma paixão de filme! Na verdade, para ele, fui apenas uma diversão passageira. Despachou-me assim que achou a mulher de seus sonhos, tão diferente de mim. Larguei tudo... país, trabalho, independência, e voltei para casa, desolada. Mamãe me ofereceu o seu sorriso mais feliz. Revoltada por ter levado um fora, resolvi dar o troco (a quem? Não sabia! A mim mesma, hoje consigo ver). Saía todas as noites, namorava qualquer um e depois os desprezava, vingativa.

Acabei engravidando. Então, tudo mudou! Havia uma vida dentro de mim! Minha mãe continuou a sorrir, apesar da preocupação.

Passei a gravidez inteira me culpando por ser tão burra. Responsabilidade não era mais uma opção.

Rafaela nasceu pequena, chorona e assim foi pelos próximos quatro anos. Em sua certidão de nascimento não consta o nome do pai. Ela era, para o bem ou para o mal, só minha. Fechei-me para o amor. Minha filha me bastava. Bom, acabei tendo que dividi-la com mamãe. Ela ajudou-me a achar um emprego, ficou com a pequena quando eu estava fora, deu a ela tudo o que eu ainda não podia comprar, incentivou-me a estudar à noite. Nesse período, Rafaela era mais dela do que minha.

Perdi seus primeiros passos, sua primeira palavra foi vovó. Fiquei ressentida. Eu era a mãe! Trabalhava tanto só para dar o melhor a ela! O que eu ganhava? Exaustão e culpa, culpa, culpa...

Conseguí crescer dentro da empresa, meus salários aumentaram e a responsabilidade também. Como me orgulhei! Nessa busca por excelência, ignorei as pequenas mudanças em nossas vidas, deixei-as passar como o tempo, indelévels. Era para a avó que criança se voltava quando precisava de ajuda ou para ser consolada. Eu não reclamava, era melhor mesmo, o trabalho me exigia muito! Já adolescente, Rafaela passou a ter vida e gostos próprios, não precisava de ninguém.

Mesmo assim, minha mãe nos obrigava a passear juntas todo fim de semana. Íamos, as três, ao cinema e depois jantar fora. Mamãe esperava tanto pelo dia marcado, não havia como fugir! Nossos programas eram uma forma de atar os laços que deixávamos afrouxar na vida diária.

Éramos as três guerreiras. Rafaela, ansiosa por lutar, com pouca experiência, mas vivacidade de sobra! Jandira, a guerreira heroica, aposentada com honras ao mérito e um sorriso de paz no rosto

enrugado. E eu, guerreira cansada, mas, com o coração inquieto e batalhas ainda por vir. Aos quarenta anos, finalmente percebi a vida escorrendo entre os dedos. Adaptei-me às circunstâncias, fiz o que deveria ser feito. Mas, e agora? O que o futuro me reserva? No fundo, ainda me ressinto das escolhas erradas que fiz. Mas, seriam realmente erradas? De qualquer modo, não posso tomar o caminho do passado. Ele se fecha depois que é percorrido. Preciso abrir novos caminhos.

O tempo não para, nem é piedoso. Sinto que viver é como nadar na mesma piscina sem descanso. Sempre o mesmo trajeto, a mesma paisagem, a mesma água...

E assim sigo nadando, sem objetivo, sem saber para onde vou, mas, com a certeza de que, se parar, a água tão calma iria me sufocar! Somente mudanças radicais nos tiram do prumo, forçam-nos a sair da piscina e se jogar no mar. A morte de mamãe foi o fechamento de um ciclo que me fez cair em mares bravios. Recordo-me de que, no mês passado, mamãe tentava ler uma revista com dificuldade. Indaguei:

“Como você consegue assistir filmes todo fim de semana quando nem ler está conseguindo?” Ela deu de ombros: “Filha, eu também não enxergo os filmes faz tempo!” – fez uma pausa. – “Mas, faço questão de sairmos juntas! O resto não importa.” Sorriu, tranquila. Isso é amor. Um novo objetivo se revela: quero sorrir como ela! Sem medo de mudar! Afinal, a única constância da vida é estar sempre mudando. Já não sou a mesma de ontem, serei outra amanhã. Tranco a porta de entrada. Há um oceano para se desbravar em cada um de nós...



21 Não sei para que lado ir

por Nelson de Paula
servidor do TRE-PR

Não sei para que lado ir. Permaneço aqui na repartição, sentado na frente do computador, na sala em que me deixam sozinho, sem algo que pareça importante ou urgente para fazer. Espero pacientemente que passe das dezoito horas, quando posso ir embora.

Como hoje ainda não é sexta-feira, vou diretamente para a quitinete que comprei no Centro faz uns dez anos, depois de economizar outros quinze anos anteriores. Na sexta-feira dou-me ao direito de ir ao bar e tomar meia dúzia de cervejas e me sentir mais valente para com a vida. Mas ainda não é sexta-feira.

Antes de chegar em casa passo no supermercado para comprar algumas sobras que não foram vendidas no almoço: umas linguças fritas já frias, um potinho de arroz cozido e não precisa mais nada. Ainda tenho na geladeira um vidro pela metade de palmitos em conserva, que podem fazer as vezes de salada.

A janela do meu apartamento dá para o lado cego do prédio vizinho, um paredão onde se pode imaginar nuvens desenhadas pelas infiltrações. Botando a cabeça para fora e olhando para cima dá para ver nuvens de verdade, ou o azul do céu. Olhando para baixo dá para ver os fundos – o que dizer dos fundos? Dizer que são como as entranhas sombrias da cidade talvez esclareça. Ainda bem que não têm cheiro, são apenas uma não-paisagem.

Deveria ter iniciado a narrativa numa sexta-feira. Mas essa vida é feita de esperas. Coloco sobre a mesa o prato com dois ovos cozidos, três peças de linguça, arroz e dois palmitos gelados. Um copo plástico de Fanta tirada de um garrafa pet de dois litros e bom apetite.

Ligo o computador, um desktop ainda meio novo, para ver notícias. As pessoas importantes do mundo: um pastor evangélico que se tornou deputado sem deixar de acreditar em Deus, uma atriz famosa responde que sua vida é feita de desafios, surpresas e menos sexo do que parece. Estão para ser aprovadas leis com menos Direito, mas as pessoas preferem assim.

Não irá chover nos próximos cinco dias, o que é surpreendente na primavera. E recebo uma dica de como ganhar mais rendimentos com aplicações financeiras, mas preciso dar mais informações para que me seja revelado o segredo certo.

Somente depois dos cinquenta anos é que tomei o hábito de escovar os dentes antes de dormir. Agora já é um pouco tarde, meus dentes jamais ficarão bem brancos, ainda mais com o café da repartição. Escovo com severidade, demorando em cada setor da boca.

Olho no espelho e vejo que não adianta muito.

Vou dormir sempre cedo. A cama é ótimo lugar para devaneios, então me vem à cabeça um problema que preciso corrigir no trabalho: pedi para comprarem a quantidade errada de clips, irá sobrar muito.

Só não sei se vai dar tempo, provavelmente o orçamento já tenha sido feito, então... o segredo para pegar no sono é não pensar em nada. No presente momento não há o que possa ser feito a respeito de clips. Devo ficar de olhos fechados, sem pensar em nada.

O garçom fará aniversário na próxima semana. Mas preciso afastar pensamentos, não devo pensar em nada. Começo a criar imagens mentais, quase sonhos, um pirulito que cai, uma abóbora nascendo; há uma sensação de perda em não perceber o momento em que se adormece. Só se percebe no meio da noite, madrugada, quando se acorda.

Preciso tomar mais um copo de Fanta, abrir a janela, fumar um cigarro. Observo a madrugada sem paisagem, a parede. Dentro de uma hora estarei dormindo de novo, espero. Me dá um medo vago a

essa hora, de ficar doente, de estar fazendo coisas erradas, mas não lembro se tive algum pesadelo. Olho para cima para ver se há alguma estrela no pedaço de céu que consigo enxergar. São quase duas da madrugada, meu relógio está uns dez minutos adiantado.

Só então percebo um corpo lá embaixo. Pela posição, pelo jeito truncado dos membros, foi alguém que se jogou do andar mais alto. Bastam poucos segundos para perceber que foi suicídio, que está morto, que é uma história que acabou.

Em todo caso deixou de ter importância. Amanhã ainda não será sexta-feira. Mas é mais perto.



22

Nosso Tempo

por Florisvaldo José Cardozo Bomfim
servidor do TRE-SP

Por setenta anos, em um reino que não existiu, o povo foi flagelado por sete guerras. Naquele lugar, as pessoas nasciam com uma incomum audição e descobriram, desde logo, todas as notas musicais e por elas se apaixonaram ardorosamente, cada um pela sua. Assim como o som se propaga, acreditavam que sua nota preferida deveria ecoar e caracterizar tudo o que fosse seu (e mais tarde, tudo o que fosse de qualquer pessoa). Passaram a modular a própria fala, entoando-a em dó, ré, mi, fá, sol, lá ou si conforme sua preferência. Procuravam aqueles que também ressoavam em sua vibração e muito se alegraram ao perceber que não estavam isolados.

No amadurecimento dessa sociedade germinaram sete agrupamentos políticos muito definidos e não tardou até que a pureza de uma nota exigisse o silêncio das demais. As facções se radicalizaram e eclodiu a primeira das guerras, vencida pelos dolitas. A modulação em dó passou a ser obrigatória, os reacionários sinos lalitas foram trocados das catedrais e as badaladas repicavam aos ventos em exaltação ao dó. Mas o reino foi invadido por numerosos grilos solitas que se empraguejaram, solapando a credibilidade do primeiro reinado.

O terrível cri-cri foi tomado pelos rebeldes como símbolo de sua luta e assim cricrizavam por todos os cantos. O período do dó implodiu e sobrevieram os solitas (ou cricritas, como pejorativamente eram chamados).

Mas os cricritas não eram tão coesos quanto seus antecessores e duas divisões foram ganhando corpo: os bemolitas (que admitiam certos arranjos com os falitas) e os sustenitas (que preferiam o arranjo

com os lalitas). Foi então que aquelas terras conheceram os expurgos: bemolitas e sustenitas foram perseguidos e massacrados pela corrente fundamentalista ortodoxa. Era o início da ruína do segundo reinado. Em breve os homens passaram a enaltecer o mi e o si, pois guardavam menos tons e menos divisões, instalando-se uma diarquia. Os ânimos se exaltaram e o diálogo foi mandado às favas, sobrevivendo a terceira das guerras, que foi vencida pelos miitas.

O miismo foi muito mais radical que os anteriores. O possuir um grilo passou a ser crime punível com a morte. A perniciosa influência dos dolitas, ques egundo se dizia deturpavam a juventude, tornando-a mimizita, passou a sera acompanhada de perto até que a desconfiança evoluiu para a segregação e esta para os campos de trabalho. Nesses fúnebres dispensários humanos ressoava um mi carregado e lento, advindo das câmaras auditivas de reversão onde o afeminado mimizita era exposto a uma frequência tão alta do Mi que seus tímpanos explodiam: era a solução final.

O terceiro reinado foi destruído pelos azulitas (que eram de outroreino e na época guerreavam contra os verditas), a única guerra externa daquele povo. Após rápida ocupação, o comando do reino foi entregue aos siitas, há muito desejosos de se vingar dos miitas. Um governo de coalizão foi instalado, mas não conteve a crescente de violência que deflagrou a quinta das guerras civis, vencida pelos apáticos realitas. Estes deixaram que todos adorassem suas notas, desde que o ré somente a eles pertencesse e dele fizeram o critério de escolha para cargos públicos, aquisição imobiliária e o estranho direito de reedito que lhe livravam do cumprimento das demais leis que apenas eram integralmente aplicáveis aos demais.

Não demorou até que os lalitas questionassem essa situação e convulsionassem o frágil arranjo social e os injustificados privilégios dos realitas, culminando na sexta guerra. O lalismo tornou-se hegemônico e, daqueles, foi o que teve maior duração. Isso levou a uma

união de conveniência entre dolitas, realitas, miitas, feitas, solitas e siitas, que fundaram o partido dos rearranjistas (em oposição aos lalitas) e decidiram procurar o reino vizinho dos azulitas. Ao chegarem encontraram um reino enfraquecido. As plantações pintadas de azul haviam perecido e a fome fez o apelo governamental minguar. Pelo que foi relatado aos rearranjistas, foi necessário combater os amarelitass que emporcalhavam o ar com uma terrível fumaça, objetivando tanger o céu de amarelo. Os amarelitass haviam destronado os violitas e estes os lilassitas.

Algo de belo germinou neste contato, alguns poucos arranjistas se transformaram em musicistas e alguns poucos azulitas passaram a usar branco (os alvitas, como ficaram conhecidos). Eles ensinaram aos demais a beleza da melodia e do colorido. A sétima guerra assim foi chamada pelo amor às sete notas e às sete cores, mas não foi violenta, proibiu-se a utilização do outro como instrumento da sua própria nota.



23

O conto do rato

por Simone Lopes Mattos
servidora do TRE-PA

Bete desistira de sua vaga na universidade do sul do país, pois não tinha mais recursos para a hospedagem.

Um jovem professor, entretanto, que conhecera as dificuldades da jovem nortista, apresentou como opção a casa de suas tias-avós. A aluna aceitou tentar, então foram juntos até lá.

– Sinto muito, não podemos hospedá-la. Temos na casa um problema que parece mínimo, mas é gigantesco! É um horror! – disse Deusa, a tia mais velha.

A irmã mais nova, Arlete, explicou:

– A verdade é que temos um rato em casa. Um camundongo esperto que escapa de tudo: especialistas, venenos, arapucas, gatos, rituais... E reaparece num lugar inusitado: numa xícara, num chapéu, num sapato... É de morrer de susto!

Quando a moça afirmou não ter medo de ratos, as tias resolveram hospedá-la.

A hóspede logo entendeu o problema da casa. As irmãs refugiavam-se num único quarto, uma fortaleza. Acreditavam que o rato matreiro planejava e se divertia com os sustos, mas revelaram que ele nunca havia assustado Zélia, a irmã do meio, durante suas crises de sonambulismo. Isso era para elas mais uma prova da esperteza do bicho, pois o ardiloso não desejava matá-la.

Numa noite, Bete ouviu barulhos vindos da cozinha. Ela seguiu o som, imaginando que receberia susto de boas-vindas. Seus olhos varriam a cozinha. De repente, o rato saltou bem alto e a encarou erguendo as patas dianteiras. Bete engoliu o grito. Fitaram-se. O ani-

mal remexia os longos bigodes em posição de ataque. A jovem parecia congelada. Calafrios percorriam-lhe as costas. Observou que era comum: cauda comprida, pelagem escura, focinho afilado e orelhas arredondadas. Em instantes, para alívio dela, ele zarpou.

A moça não comentou o episódio, mas pensou nele noite e dia. Foi aí que teve uma ideia. Chamou as tias reservadamente e revelou seu plano. Contou que em sua cidade havia uma engenhoca artesanal, uma armadilha para roedores, que prendia sem machucar. O avô mandaria uma daquelas e com as melhores iscas. Enquanto aguardavam a encomenda, a mentora do plano falava pela casa sobre as apetitosas guloseimas da avó, apostando que o rato, traído pelo paladar, poderia cair na cilada. Quando a encomenda chegou, as cúmplices exibiram-na saltitantes, deliciaram-se com os doces de cupuaçu e bacuri e deixaram migalhas como isca.

Na manhã seguinte, Bete acordou com gritos. Juntou-se às irmãs, que olhavam incrédulas para a gaiola recheada com o rato. O detido girava enlouquecidamente, lutava, explorava a jaula, eriçava os pelos, soltava sons desesperados. Abraçaram-se vitoriosas. O destino do rato estava nas mãos delas, finalmente! Porém, não conseguiam decidir o que fazer. Naquela noite, ocuparam seus próprios quartos, e dormiram tranquilamente como não faziam havia muito tempo.

Logo cedo, Bete acordou com novos gritos:

– O espertalhão sumiu! Sumiu com gaiola e tudo! Foi abduzido! Foi roubado! Desintegrou-se! Era assombração!

Verdade, lugar mais limpo! Nem sinal do encarcerado ou da armadilha derradeira. E nenhuma pista, muito menos de solução. Decidiram então não falar mais do mistério.

Algumas semanas depois, numa noite, a jovem ouviu passos. Resolveu dar uma olhada pela casa e viu Zélia saindo. Percebeu que ela estava sonâmbula, e tratou de acompanhá-la. Caminharam pelo quintal até que Bete pôde ver ali, no meio da folhagem, o inimaginá-

vel: o paradeiro do rato. Quem diria? O bicho estava moribundo, vítima de cruel pena de morte num cárcere eterno. Sonambulando, Zélia fora seu algoz.

Na manhã seguinte, a estudante procurou ajuda do professor. Ele sugeriu que deixassem o desvalido no biotério da universidade e Bete aceitou. Preferiram não contar sobre a aparição para as tias, que já consideravam definitivo o sumiço.

O tempo passou, e a casa estava cheia de alegria. As visitas do professor faziam Bete sonhar com contos de fadas. Mas, numa noite, ela arrumava as malas para visitar a família no norte, quando ouviu barulhos vindos da cozinha. Ficou paralisada. O bicho desprezado voltara? Ele a odiava, a intrusa? Queria revanche? Teria um plano de vingança?

Havia pouca luz, mas Bete avançava devagar e atenta, sentindo o coração acelerado e as pernas bambas. Viu uma cauda agitada entre as panelas, aproximou-se mais um pouco e reconheceu o rato asqueroso. Pensou em virar uma panela para prendê-lo, mas temia que ele saltasse sobre ela com aqueles bigodes inquietos. Num rompante de coragem, prendeu o bicho com agilidade de caçadora. Reforçou e acomodou na mala a jaula improvisada, que manteve em segredo. Despediu-se de todos e seguiu viagem.

Na chegada a sua cidade natal, ela libertou o prisioneiro. O animal saiu ligeiro, mas parecia tranquilo. Fitou sua libertadora, e debandou dali, impossível saber a direção. Então Bete caminhou contente até a casa da avó, que a recebeu com abraços, beijos e com a novidade mais recente:

– Querida, acredite! Agorinha mesmo um rato atrevido cruzou esta sala sem nenhuma cerimônia. Oh! Não se assuste! Pegaremos o astuto. Temos aquela gaiola especial.



24 O pé de romã

por Otávio Augusto Amaral de Calmon Borges
requisitado TRE-SP

Em uma tarde de temperatura amena, um menino brincava no quintal da casa de sua avó. Aquele dia tão monótono parecia justificar-se pelo início do outono. Subia e descia as escadas correndo. Fazia castelinhos com terra. Havia muita terra ali e no corre-corre ele estragou algumas plantas (Dona Valentina, a avó, ficaria furiosa com isso mais tarde).

Conhecia aquele lugar como a palma de sua mão. Cada morrinho de terra, cada planta, cada fresta no muro, cada lugar que batia sol e cada lugar que não batia. Era ali o seu reino. Fora criado ali. Fazia um ano que se mudara com os pais, mas aquele quintal ocupava sua mente. Fazia parte do seu ser.

Existiam ali muitas árvores frutíferas. Abacate, manga, mexerica, uva, laranja, laranja lima, limão, mamão, goiaba e romã. Nutria um amor platônico pela mangueira. Seu sonho era fazer nela uma casa da árvore. E viver ali. Porém a mais frequentada era a goiabeira. Ele amava goiabas vermelhas e simplesmente não passava um dia sem comê-las. Nem ligava se encontrasse algum bicho. Devorava-as.

O pequeno Bernardo já contava seis primaveras. Era alto para a sua idade, o que o fazia pensar que já era quase adulto. Não tinha medo de nada, não era bagunceiro e estava sempre feliz. Mas aquele dia estava acabando com ele. Parecia dia de chuva. Queria fazer alguma coisa grandiosa, quebrar a rotina, distrair-se. Precisava desesperadamente distrair-se!

Foi naquele momento em que ele o avistou: o pé de romã! Lindo, imponente, completamente carregado de suas deliciosas frutas. E

uma delas chamou especialmente sua atenção. Era a maior e mais bonita de todas as romãs. Redondinha. Vermelhinha. De uma aparência tão hipnótica que o menino sentiu a boca encher d'água só de olhar. O dia estava salvo! O garoto apanhá-la-ia e deliciar-se-ia com ela.

Depois da súbita excitação, o desafio. Ela estava num galho muito alto e seria difícil pegá-la. Melhor ainda, pensou ele. Ganhava, de uma só vez, uma aventura e uma guloseima. O cheiro de bolo de fubá e os insistentes chamados de vovó não o distraíram. Queria somente a romã.

Meticuloso, não fez nada por impulso. Mais do que as aventuras, o pequeno Bernardo adorava fazer planos. Na escola seus colegas o consideravam esperto, e ele defendia com unhas e dentes a manutenção desse adjetivo.

Lembrou que seu avô construía uma espécie de puçá, com um cabo bem longo, que usava para colher os abacates. Era perfeito. O menino encontrou o objeto, mas logo teve de descartar a ideia. Era pesado demais e demasiadamente longo. Não encontraria a inclinação desejada e não teria forças para erguê-lo.

O desafio se transformou em um problema. Os olhos cor de âmbar do pequeno desbravador dos quintais corriam, calculistas, pelos objetos do quintal. Rastelo, tijolos, escada, banquinho, pá e enxada, cavadeira, arame, martelo... escada! O engenheiro dos quintais deparava-se, face a face, com o primeiro grande dilema de sua ingênua existência: resolver um problema de maneira eficaz e certa, mas perder a aventura, ou escolher a maneira mais difícil, aquela que faz os pelos do braço arrepiarem quando lembramos, aquela que ouvia nas histórias do finado avô José, o vô Zezinho. Que saudade do vô Zezinho, ele era um homem que saberia facilmente resolver o problema, se bem que ele alcançava, não estava tão alta assim. O que importa era que o garoto se inspirava no avô, um homem de muitas histórias e por quem Bernardo nutria verdadeira admiração e respeito. Voltemos

à escada.

Bernardo ficou dividido entre o cumprimento de seu objetivo e a glória de sua investida. Embora tomasse a escada como um “plano B”, a sua utilização era inviável, uma vez que era muito pesada.

Investido de determinação, tentou pular para agarrar o fruto. Não estava tão alta! Seus dedinhos quase tocaram o objeto de desejo, mas faltavam alguns milímetros, posto que sua impulsão era pífia. Viu, então, alguns tijolos amontoados num canto. E se fizesse uma base? Empilhou três tijolos. Não ficaram firmes o suficiente. Dois tijolos: ainda faltava um pouquinho e, se pulasse, perderia o equilíbrio e cairia.

O jeito era tentar alcançar. Subiu, esticou-se ao máximo. Caía muita poeira em seus olhos. Os galhos mais finos arranhavam seus bracinhos de menino. Sentia as pontas dos dedos encostando na romã. O coração acelerou. Os olhos fixamente abertos fitavam o nada, mas sua alma enxergava tudo. Num último impulso, o corpo vergou-se para cima e pôde, finalmente, agarrar a fruta.

Bernardo sentou-se diante da romãzeira triunfante. A respiração ofegante, os olhos irritadiços, os pés descalços e machucados, os arranhados do corpo ardendo, mas, em suas mãos detinha a mais valiosa insígnia! Saboreou-a com calma e prazer. Sentia um gosto de dever cumprido, de satisfação, de vitória!

E, embora tivesse apenas seis anos, Bernardo jamais se esquecerá daquele dia. O dia em que ele venceu o mundo e conquistou seu prêmio. Pena que o tempo passa rápido demais!



25

O tempo, a dança

por Jardelina Piloneto
servidora do TRE-RS

Saí do trabalho e fui direto ao teatro, a pé e sozinha. Sempre defendi a ideia de que a vida é melhor quando compartilhada, mas ultimamente tenho me surpreendido com o prazer de me fazer companhia, de ouvir os meus silêncios, de abrir um vinho mesmo que só haja uma taça a ser servida.

Comecei indo ao cinema, depois a um show, restaurantes, cafés e, dessa feita, ao teatro.

Cheguei uma hora antes do espetáculo, passei pela chapalaria e subi dois lances de escada, dirigindo-me ao foyer. O ar fresco do outono convidava para uma das mesas do terraço. Pedi um café acompanhado de algumas guloseimas e fiquei ali, contemplando o pôr do sol, até que o último raio cedesse lugar às luzes da cidade. Então, apanhei o ingresso na bolsa e me dirigi ao meu lugar marcado, na plateia. A peça era um monólogo sobre a passagem do tempo.

Não se esperava uma Fernanda Montenegro recitando Simone de Beauvoir, mas a lotação surpreendeu. Pontualmente, às 20h, o palco se descortinou mostrando um cenário minimalista: apenas uma cadeira, sob holofotes de luz, e, ao fundo, um tipo de fog londrino.

Anunciado o início do evento, a atriz, Amália, foi recebida com aplausos pelo público, a maioria de meia idade.

Numa entonação de voz irretocável, ela soltou o verbo, incurSIONANDO pela Insustentável Leveza do Ser, de Milan Kundera, adentrando o mito do Eterno Retorno, de Nietzsche e divagando sobre a filosofia de Kant, sempre correlacionando com experiências pessoais.

Dizia ela, citando Khalil Gibran, que a vida não se demora com os dias passados. E ilustrou, mais ou menos assim: É com um senti-

mento de nostalgia que guardo, por exemplo, o meu título de eleitor da década de 80, mas aquela eleitora da foto não existe mais. A mulher que sou hoje tem outras convicções e anseios e, assim, não se permite viver enclausurada no passado. Aquela mulher combinava com aquele título datilografado, com foto colada e carimbada; a mulher que sou hoje tem e-título e CNH digital. A mulher que sou hoje se alicerça na mulher do passado, mas assina o presente com certificado digital!

A certa altura, parte da névoa do fundo do palco se dissipou, revelando a chegada de um casal à moda antiga. Ele, de terno risca de giz e chapéu; ela, de vestido longo, xale de seda e um ramalhete de flores na mão direita. Chegaram de lados opostos, desvencilharam-se dos acessórios e fundiram-se, num abraço, como se estivessem separados há décadas. Depois, afastaram-se suavemente e começaram a bailar, à meia luz, sempre ao fundo do palco, como se uma linha invisível os mantivesse naquela área.

Essa presença causou-me surpresa e, ao mesmo tempo, uma certa indignação: injustificável, a meu ver, o casal não ter sido anunciado na publicidade do evento. Sem dúvida, um deslize imperdoável dos produtores; um desrespeito à imagem, ao nome e ao trabalho dos artistas envolvidos.

Amália seguiu, alheia aos dois, com as suas reflexões. Dizia que o tempo passado era como uma gaveta fechada, que podia ser olhada pelo buraco da fechadura, mas não remexida. Falou das finitudes, da saudade e da distância. Pontuou que o tempo é apenas um marco, uma divisão, um passo de valsa, mas não a valsa.

O casal parecia interpretar, com a sua dança, a melodia das palavras. E seguiram bailando, numa espécie de “tango valsa” estilizado, parecendo pouco se importar com o anonimato a que foram submetidos pelos produtores da peça.

Ao final, juntaram-se noutro abraço e desapareceram, encobertos pela névoa que voltou a se fazer presente no cenário, enquanto a

atriz, em reverência, agradecia aos aplausos da plateia.

Na saída, esbarrei em uma amiga de longa data e conversamos rapidamente sobre o ensaio. Comentei que o casal de dançarinos quase roubou a cena, ao que ela, para minha surpresa, perguntou: “que casal?!”.

E se despediu, sem esperar resposta, pois estava de carona e não podia se demorar.

Sem entender a brincadeira, chamei um transporte por aplicativo. Enquanto esperava os cinco minutos requeridos, passei os olhos sobre antigas obras penduradas no hall de entrada. Foi então que um quadro saltou-me aos olhos: a dançarina, num óleo sobre tela, de 1927, o mesmo vestido, o mesmo xale, o mesmo ramalhete de flores. Instintivamente, procurei e, no lado oposto, lá estava o cavalheiro, terno riscado, chapéu na mão, numa tela da mesma época, assinada pelo mesmo pintor. Num sobressalto, retirei-me, receosa de descobrir que também eu não passava de uma velha pintura desbotada.



26 O trabalho dos invisíveis

por Luciano Olavo da Silva
servidor do TRE-SP

A notícia corria à boca pequena enquanto as lojas abriam e os pais deixavam os filhos nas escolas: “Mataram o Cotoco, o vagabundo do Cotoco!”

Desde a mais tenra idade ele era conhecido no bairro, embora não se saiba ao certo a sua origem e nem a da alcunha. Talvez tenha relação com a aparência achaparrada que lhe foi imposta pela estatura modesta.

Vagabundo – é o que diziam dele. O título, no entanto, era injusto, não correspondia à concretude dos fatos. O Cotoco trabalhava desde cedo, tal como exigiam suas peculiares circunstâncias.

Lembro de vê-lo sentado, costumeiramente, em uma das esquinas do bairro, bem no caminho que eu fazia para ir à escola todas as manhãs. Tenho para mim que ele chegava ao local junto com a luz do dia, mas pode ser que, para não atrasar o início do expediente, dormisse ali mesmo. Não sei bem, pois não há nada que se possa saber com certeza sobre o Cotoco. Ele era meio invisível. Estava sempre lá, mas ninguém o olhava diretamente. Notava-se a sua presença mais ou menos como se nota que a rua está suja ou poluída. Sabe como é: ninguém se atém especificamente à sujeira, nem pergunta como o lixo foi parar ali, nem quando, nem nada.

O certo é que o Cotoco trabalhava. Embora ele mesmo fosse meio mau, vendia bondade. O seu negócio era esse, posso afirmar. Era fácil comprar dele. O sujeito passava lá, jogava uma moeda e pronto, levava um pouco de bondade. A motivação não importava. Ainda que a moeda fosse jogada só porque era desconfortável tê-la

nos bolsos, tudo bem. O Cotoco era impessoal, como em geral são impessoais as não pessoas invisíveis, e, por isso mesmo, nunca se deu ao luxo de aplicar critérios subjetivos ao exercício da mercancia. Simplesmente aceitava as moedas.

Entre os seus clientes havia uns vizinhos bem notáveis: um viciado em jogo, uma mulher que traía o marido e um senhor muito distinto, preso tempos depois por molestar a filha. A freguesia era variada e todos regularmente compravam bondade do Cotoco.

Como ele era o pária, bastava jogar a moeda e a mágica se fazia: a pessoa estava “ajudando o Cotoco”, sendo boa, melhor do que o moleque, mesmo que tivesse molestado a filha no dia anterior ou coisa que o valha. Diante dele, qualquer um se sentia altivo, aliviado das próprias culpas, redimido. Era só jogar a moeda. Ele era um vivificador da moral e da bondade alheias, adoecidas pela corriqueira vilania cotidiana. Seu trabalho era um tipo de restauração artística: resgatava da impermanência a beleza esmaecida nas consciências desgastadas.

Como se vê, o problema do Cotoco não era ser vagabundo. O diabo é que ele ganhava muito pouco, mal podia comer. Roupas, então... Era sempre a mesma. Teve o azar de ser escolhido por uma dessas profissões de pouco futuro.

Um dia, já meio grandinho, percebeu que sua clientela diminuía. Sim, as pessoas ainda compravam bondade, mas surgiram uns meninos menores que lhe roubaram os fregueses infieis. Tinha até uma adolescente vendendo bondade com seu bebê no colo. Diante de tanta concorrência, o Cotoco sucumbiu e, como fazem os falidos, tentou negociar seus créditos, no legítimo intuito de saldar os débitos acumulados. O mais hostil dos seus credores era o estômago, que lhe cobrava com exorbitante inclemência.

Foi por conta disso que, certa feita, o menino Cotoco solidariamente deixou a calçada para as novas gerações, e, envolto pelo deses-

pero das carências mais prementes, o homem Cotoco fez-se ver e foi cobrar pelo trabalho mal remunerado de todos aqueles solitários anos invisíveis. Não esperava, no entanto, que os devedores dissentssem tão ferozmente do estilete utilizado como argumento nas interpelações feitas, pois desconhecia que maus pagadores se apegam a qualquer oportunidade de protelação das dívidas que têm. Assim, refutaram os pagamentos e mataram o Cotoco, extinguindo a cobrança inconveniente. Mas até esse dia o moleque trabalhou bastante, gente. Trabalhou, sim!

O que aconteceu é que eles deram calote no Cotoco quando finalmente conseguiram vê-lo!



27 Onde repousa o que importa

por Marcelo de Sousa Eloi
servidor do TRE-MG

Numa certa terça, acordou meditabundo, embora não fosse aquela a mais certa das terças. Era um homem de meia (pra mais) idade. Uma frase lida num romance em curso logo o assaltou: “Meu tempo é agudamente finito de permanecer”. Sentia que precisava usá-la em situações hodiernas, seja em contexto de premente pressa, seja sabonetando de pessoas enfadonhas e autorreferentes. Uma espécie de estranha coação o instava. Mas deixou pra lá, jogou debaixo do tapete da mente e seguiu. O cotidiano pressurava. Foi trabalhar.

No caminho, pegou-se mais uma vez tentando resolver o paradoxo íntimo entre ser um funcionário público e um artista. Sentia-se um burocrata quadrado e insosso, uma rebimboca talvez dispensável da engrenagem dura do Estado. Por outro lado, cria-se um fértil e fluido artista. Como um esteta, sabia encontrar nos interstícios da razão, vislumbres do sublime. Ao menos assim, sua vida seria menos inglória.

Na pior das possibilidades, faria, como Deleuze, da sua vida uma obra de arte, seja lá o que o filósofo queria dizer com isso, mas em algum ponto entendia isso perfeitamente. Avaliando suas virtudes artísticas, tocava seu violão passavelmente, escrevia gostosinho, figurava menor e bobamente, e, quanto a encenar, deixava para fazê-lo nas relações mundanas. Mas, como havia aprendido que a arte podia ser uma ideia e não somente produção, ocupava seu lugar como artista, sempre no fundo de si.

Lá no trabalho, que aliás amava, nesse dia se alheou dentro de si, apesar de ter cumprido com dignidade e polidez seus ditames. Entre um e outro atendimento, riu consigo ao se lembrar de um caso

ouvido há tempos. Na volta de uma festa, um homem dava carona a uma mulher quando viu uma densa nuvem e disse: “Chuva?” Ao que ela redarguiu: “Chupo.”

Passeando pelos cantos da memória, o dia transcorria rotineiramente.

Havia pouco, esse homem se tornara pai e, a partir daí, um giro abrupto tomou curso. Como exemplo, comer um abacaxi obscenamente doce, acender as luzes das sensações e dar um inesperado drible no pé de apoio do marcador na pelada já não estavam mais em primeiro plano de suas preferências, como outrora. Não que tivesse deixado de admirar seus hobbies, mas tudo agora era visto sob o prisma da prioridade. Parecia que seu passado de desbundes e excessos, de que tanto se orgulhava, se acinzentava e se empalidecia diante da sua pequena majestade. Sentia claramente o vetor de seus valores caminhar do prazer para a responsabilidade. Qualquer luta em contrário era debalde – nesse momento, recebeu mensagem da esposa com o que deveria comprar para a filha antes de chegar em casa, além da corrente de boa tarde, com gatinhos fofinhos ao fundo que sua mãe sempre enviava. O incansável hedonista se tornou um (supostamente) respeitável pai de família. E ainda grisalho. A marcha dos anos até que lhe trouxe uma certa evolução.

Inclusive, vinha considerando fundar uma nova religião. Ele não sentia muito apelo espiritual na imagem da tortura de um preso político com ideias de grandeza. Agora na condição de pai, sentiu com intensidade inaudita que o sagrado repousava na aura de sossego que paira num sono de bebê. O superlativo da placidez que emana de um bebê que dorme, isso era sacro. Além do mais, nesses momentos os pais tinham seus breves voos de liberdade e ainda soava um inequívoco ar de que tudo está em seu lugar. Ao passo que o choro, no mais das vezes, esgoelado do bebê seria o preciso correlato do inferno na sua mitologia religiosa. Com a diferença de que essa espiritualidade

seria despida de metafísica. Em suma, se um bebê dorme, o mundo sorri com ele. Por tudo isso, nessa sua religião recém-inaugurada os adeptos se dirigiriam uns aos outros não com “paz de Cristo”, mas com “Sono do bebê.”

Laborou mais meia hora e soou a hora de ir. No caminho para casa, arfou ligeiramente e sentiu uma fincada no peito, o que nunca ocorrera. Passou pela sua cabeça que o ciclo da vida obedecia à sua máxima. Nascer, crescer, reproduzir-se e... Nesse instante, aquela frase o sacudiu num frêmito: “Meu tempo é agudamente finito de permanecer.” Ressignificada, reterritorializada. “Estou velho.” A finitude, a morte. Enquanto adentrava a farmácia a fim de comprar pomada antiassadura para a pequena, perguntou-se se sua vida teria valido a pena, o que viria depois da morte e se teria deixado algum legado significativo. Em meio a essa voragem de pensamentos, chegou em casa. Ao abrir a porta, essas nuvens se dissiparam subitamente. Só queria saber se o bebê já dormia ou não. Sua esposa silente o olhou com ternura e fez um gesto que sim. Era o que radicalmente importava. Única e precisamente. O bebê dormia. Amém.



28 Os óculos de Alice

por Anick Frazão Athayde
servidora do TRE-RJ

Alice era aquele tipo de pessoa completamente dependente de óculos. Quando acordava já esticava os braços para alcançar o criado mudo e ajeitava-os no rosto antes mesmo de abrir os olhos.

Não se tratava de um fundo de garrafa. A verdade é que seu grau nem era lá muito alto, mas havia a tal da dependência. Ela jurava de pés juntos que sem os óculos não conseguia sequer ouvir direito.

Começou a usar ainda na infância e eles passaram a fazer parte de seu corpo de tal maneira que ela nem sabia como era seu rosto sem os óculos. Não havia fotos, não havia registro, não havia vida antes deles.

Para ir a cinemas, piscinas e montanhas-russas, não importava o perigo ou risco, os óculos estavam sempre no rosto. No trabalho então eram imprescindíveis, pois Alice trabalhava num cartório atendendo ao público.

Mesmo com tamanha dependência, nunca lhe passou pela cabeça fazer um par de óculos reserva. Perder os óculos era algo que ela nunca havia cogitado, afinal ninguém cogita perder um braço ou uma perna, embora possa acontecer.

Acontece que, no verão de 1981, Alice estava indo à praia diariamente com a família, que era enorme. Todos os verões eram passados na casa da Vó Feli com muita festa, sol e alegria. As idas à praia eram diárias e sagradas. Depois de estacionar o carro no quiosque Ponta D'Areia, eles sempre andavam para o lado direito da praia, onde tinha uma grande pedra que servia como referência.

Depois de abrir as cadeiras e barracas, Alice se dirigiu ao mar

e se abaixou para molhar os braços e pernas na beirada, a fim de se acostumar com a temperatura da água antes de dar um pequeno mergulho, mas naquele dia o mar não estava tão calmo como de costume. Alice foi atingida por uma onda assim que abaixou a cabeça e viu seus óculos caírem na água. Ainda se jogou desesperada tentando evitar que eles afundassem. Coração acelerado, gosto de sal na garganta e mãos trêmulas. Ela não conseguiu evitar o inevitável. Os óculos desapareceram junto com a espuma.

O desespero tomou conta de Alice e, claro, de toda a família. Os primos, tios idosos e até desconhecidos solidários mergulhavam de mãos abertas e olhos atentos na esperança de um milagre, que não aconteceu.

Alice não enxergava nada, talvez não pela ausência das lentes, mas sim pela presença de muitas lágrimas. O dia na praia obviamente acabou. As férias de Alice também. Não tinha mais clima para diversão.

Na manhã seguinte, todos foram à praia novamente como estavam fazendo ao longo de todo o verão. Não podiam perder um dia ensolarado de férias. A vida não podia parar por causa dos óculos de Alice, mas Alice optou por ficar deitada. Não havia ânimo para sair da cama.

Nesse dia, porém, a família decidiu andar para o lado esquerdo do quiosque, algo que nunca tinham feito, pois, embora fosse uma praia bem deserta em sua totalidade, todos sabiam que havia muitas pedras para esse lado.

Graça, a prima mais velha de Alice, tropeçou numa dessas pedras e, quando olhou para baixo, viu um par de óculos na areia. Claro que não podiam ser os de Alice. Ela tinha perdido seus óculos na véspera e no outro lado da praia, mas a prima pegou-os e levou-os para casa mesmo assim. Queria mostrar para a Alice que ela não era a única azarada a passar por tal infortúnio. E quem sabe dessa forma

não poderia até mesmo arrancar um sorriso da prima.

Chegando a casa, ela correu em direção à Alice, que ainda estava deitada de baby-doll.

– Veja o que estava na areia!!! Viu como é comum perder os óculos na praia? Você não é a única, prima...

Alice estava incrédula, se beliscando para ter certeza de que não era um sonho. Imediatamente arrancou os óculos das mãos de Graça, ajeitou-os no rosto e o verão de 1981 voltou a ter cor.



29 Um Dia Como Outro Qualquer

por Wellington Literato dos Santos
servidor do TRE-SP

A vista do horizonte sobre o asfalto transmite a sensação de que céu e terra comprimem a atmosfera – uma tempestade se anuncia. Taqueio a bolsa à procura da sombrinha. Percorridos três quarteirões, conforme aperto o passo e o barulho dos pingos d’água sobre o náilon azul compõe a trilha sonora da caminhada, vejo o prédio do Cartório Eleitoral. Registro a digital para consignar o ponto, retribuo com um sorriso corriqueiro os olhares dos colegas. São dez seres expandindo-se por poucos metros quadrados: uma sala de atendimento ao eleitor com quatro guichês, outra comprida e larga onde cada funcionário ocupa uma mesa e, entre as duas, a menor delas, a da chefe do Cartório.

Entrar nesse ambiente é parte de um ritual que se inicia ao acordar, muito antes de cruzar a linha que separa o profissional do pessoal, se é que é possível distingui-la. Ao abrir os olhos o tempo é medido para não me atrasar e as ações cumprem o objetivo de estar apresentável aos eleitores e colegas. Maquiagem, retoques nos cabelos, batom... Visto a máscara de funcionária pública, eu impessoal que permite manter-me distante dessa família indispensável, magnânima, mas intangível. O vaso de flores sobre o balcão e o crucifixo na parede não disfarçam: toda repartição é concebida para resistir ao tempo e às pessoas, como uma estátua de bronze de um herói distante.

Um jovem senhor senta-se de frente para o guichê. Computador, monitor e teclado demarcam a fronteira entre inquiridor e inquirido. De aspecto comum, boné enterrado na cabeça e postura retraída, ele elabora respostas prolixas para questões simples como estado civil

e grau de instrução. Após coleta de digitais e assinatura, aciono a câmera e peço, educadamente, que tire o boné. Ele se nega. Eu insisto com o argumento de que normas internas prescrevem que, na hora do registro fotográfico, ombros fiquem alinhados, cabelos não encubram a testa e, principalmente, a cabeça esteja totalmente descoberta. Enfatizo a palavra totalmente. Sua expressão muda, as faces ficam rubras e um impasse momentâneo paira no ar. Afasto as mãos do teclado, endireito a coluna e cruzo os braços, em compasso de espera. Diante de um longo silêncio, ele reitera, tímido:

– Isto pra mim é difícil, moça!

Questiono o motivo. Cabisbaixo, o senhor de boné baixa o tom da voz para desvendar que é careca, chamando atenção para tal detalhe ainda não aparente. À medida que vê em mim uma interlocutora confiável, confessa, desalentado e triste, que, por mais que se esforce, há tempos está sozinho e sem namorada.

– Desde que o cabelo começou a cair...

– Não é por causa disso que você vai deixar de conhecer alguém legal, principalmente hoje em dia. Minhas amigas acham charmoso, inclusive.

Apesar de meus argumentos, ele mantém o boné, assim como a ideia irredutível de que o ato revelaria algum segredo inexorável, muito maior do que o que já havia revelado – o de não se aceitar do jeito que é. E o que são Portarias e Resoluções diante da fragilidade humana?, reflito. Minhas convicções se sobrepõem à rigidez das normas e, com um click no mouse, aciono o flash e congelo em pixels a imagem do eleitor com o cocoruto encoberto. Entrego a ele o documento, resultado palpável de um processo doloroso.

Eu ergo a cabeça e, por cima dos óculos, avalio os colegas. Papos exaltados e toques no celular me distraem, mal consigo garimpar palavras adequadas para redigir requerimentos ou me concentrar na leitura do ofício recheado de termos específicos e reverências. Os

servidores, a maioria jovens, em início de jornada, exalam o mesmo otimismo de quando tomei posse e guardei a nomeação a sete chaves, junto de processos, adiando outros planos de juventude. E o cargo a qual me filiei talvez nem exista ou tenha mesmo mudado a nomenclatura, como as máquinas de escrever Remington, o leitor de microfichas e os relógios de ponto.

Eu ainda não me dei conta, mas técnicos, analistas, auxiliares e um juiz de direito, inclusive, reverenciam o bolo sobre a mesa do refeitório. A guloseima, recheada de nozes e doce de leite, simboliza, como sabemos, uma efeméride. No horário de lanche, saio da sala de atendimento e me dirijo à cozinha; ao abrir a porta, irrompe uma gritaria de palmas e felicitações. O espaço mal dá conta de tanto entusiasmo.

A surpresa me deixa anestesiada, olhando o vazio. Há colegas de outros cartórios, cujas marcas do tempo tornaram-se mais evidentes na minha vista cansada, cujos corpos observei transformarem-se. De repente o vazio se enche de memórias, os olhos de lágrimas e esses seres autômatos e barulhentos adquirem alma. Eu agradeço emocionada. Todo desconforto e descrença convertem-se em apreço e gratidão.

O dia em que completo cinquenta e quatro anos de idade é também o último como servidora pública e, assim, a contagem progressiva alcança a regressiva, iniciando uma recontagem, como se nascesse de novo. No retorno para casa (agora sem volta) a chuva desanuviou o céu e as estrelas iluminam meu caminho.



30 Um dia qualquer em 76

por Elias Medeiros Vieira
servidor do TRE-RS

Naquela tarde de verão, depois da escola, as talas, as sedas, as cores, o vento, a linha, os sonhos e, como relembra meu irmão caçula, “voavam as pipas-meninos do tempo e as curicas queimadas de sol”. Corríamos nas ruas, velozes como um raio, não víamos os carros, só os papagaios. Dá linha, dá linha, dá linha! – gritávamos e dávamos guinadas e também sacalões...

Serpenteando pelas ruas, inexoravelmente, nos deparávamos com a única praça do bairro, conhecida por todos como praça da bandeira – por certo por ostentar um mastro enorme com a bandeira do Brasil. A praça tinha canteiros bem cuidados e bustos de bronze de figuras militares – um deles era o depositário formal do nome da praça –, mas isso não se revelava importante, posto que aquela bandeira tremulando no alto é que nos situava. Então era de fato a praça da bandeira. Também nos deparávamos com a praça por conta das árvores frondosas onde os papagaios, pipas e até as curicas teimavam em se emaranhar.

Num dia desses qualquer, tivemos a ideia traquina de subir no mastro da bandeira o mais alto possível. Quem chegar mais alto será o vencedor! E um a um da curriola tentava subir, mas sem muito êxito. O mastro era pintado e liso, além do diâmetro incompatível com os nossos pequenos braços e mãos. Não quero mais brincar – um disse; Perdeu a graça – outro lamuriou. Era sintomático que a brincadeira não iria adiante.

E foi o que aconteceu. Eu estava no banco, contando os segundos para partirmos para uma nova aventura, quando brados ecoaram

por toda a praça: Bando de moleques! Vocês não têm respeito! Depredando o bem público!

Atônitos e apreensivos, com um pouco de medo, não sei explicar o que cada um sentia em particular, mas dava para perceber uma profusão de sentimentos, enquanto fomos cercados por militares armados e recolhidos para um canto da praça. E ali permanecemos imóveis, sentados, com a cabeça voltada para baixo por alguns minutos.

Um militar atravessou a praça a passos largos e disse: Você descuidou da vigilância! – Sim senhor. Será punido! – Sim senhor. E se seguiram outros tantos “sim senhor” emanados pelo militar perfilado que também balançava a cabeça em concordância. Nesse momento percebi que alguma coisa tinha acontecido. Uma coisa muito grave e intolerável.

Mas o que seria? Sequer podia olhar para os meus amigos em busca de uma explicação. Restou imaginar o que teríamos feito de tão horrendo. A praça estava limpa, os bancos, a cal branca cobria todo o meio fio, a pintura verde oliva nos canteiros estava impecável... Será que derrubamos algum dos bustos, pois sabia que adoravam lustrá-los. Então eram muito importantes. Não. Isso também não, pois teríamos nos dado conta de imediato.

Levantem-se! Façam uma fila! Sargento, conduza todos para o Batalhão! – O que vão fazer conosco? Trêmulo, pensava com o coração disparado, enquanto ouvia alguns soluços, choros.

Atravessamos a praça em fila indiana, lardeados pelos militares. No saguão do Batalhão, fomos admoestados verbalmente e fisicamente com cutucões, tapas na nuca e empurrões. A nossa agonia parecia não ter fim.

Depositados no canto do saguão, sentados no chão e imóveis, ouvimos o que nos pareceu a ordem definitiva: Vocês vão sair daqui somente com a presença dos pais! Não conseguia mais pensar em

nada, nada me ocorria, apenas uma letargia, muito embora pudesse ver os rostos e expressões dos meus amigos.

À tardinha, meu pai adentrou o saguão do batalhão de cabeça baixa e com o macacão da empresa em que trabalhava. Apresentou a Carteira de Trabalho e de Identidade para a autoridade que, após verificar os documentos, destilou reprimendas sobre o ocorrido. Meu pai concordava, gesticulando com a cabeça em sinal de sujeição.

Meu pai me pegou pela mão e me conduziu. Na saída, apertei a sua mão com toda a força que dispunha. Ele, sem voltar o olhar pra mim, me disse em tom baixo que estava tudo bem.

A caminho de casa, atravessamos a avenida, o canteiro e novamente a praça. Meu pai me perguntou, ao mesmo tempo que me apalpava os braços e a cabeça, se tinham me machucado. Respondi balançando a cabeça. – Pensei comigo que aquele homem não suportaria mais um fardo sobre os ombros. Mais altivo, me disse que estava pensando em mudar para um bairro onde eu pudesse brincar à vontade. Satisfeito, sorriu.

Mais adiante ele disse para eu ter paciência com a minha mãe, pois ela estava muito nervosa. De soslaio, dei uma última olhada para a praça. A bandeira tremulava sob os raios fugidios do sol daquele finalzinho de tarde. Ainda era possível ler a frase “Ordem e Progresso”.

CRÉDITOS

Comissão Organizadora

Ana Lúcia Germano Costa – Presidente

Ana Paula Winters Bosco Scuissiatto

Carlos Alberto Barbosa Ferian

Claudia Afanio

Jillian Roberto Servat

Maurício Furtado Niwa

Melissa Diniz Medroni

Marister Zequinão de Almeida

Comissão Julgadora

Albino de Brito Freire – natural de Caculé-BA, juiz de Direito, aposentado, membro Honorário da Academia Paranaense de Letras Jurídicas, corresponsável, durante dez anos, com o professor Leopoldo Scherner, pela coluna Nossa Língua, Nossa Pátria, do Jornal O Estado do Paraná e membro efetivo da Academia Paranaense de Letras, ocupando a cadeira nº 21. Entre suas obras literárias, destacam-se o romance O Menino de Caculé – Editora Ithala, 2008; e as crônicas Mercadores de Ilusões – Juruá Editora, 2000; Crônicas de Avilã e de outros reinos – Editora Ithala, 2012.

Rosaldo Elias Pacagnan (Rosaldo Pacagnan) – natural de Umuarama-PR, juiz de Direito do 1º Juizado Especial Cível, Criminal e da Fazenda Pública da Comarca de Cascavel, especialista em Direito Civil e Processual Civil pela Faculdade de Ciências Sociais e Aplicadas de Cascavel-PR. Exerceu o cargo de Juiz Eleitoral nas comarcas de Corbélia, Palotina, Cruzeiro do Oeste, Toledo e Cascavel. Atua como professor da Escola de Magistratura do Estado do Paraná.

Eder Carlos Ferreira (Eder Ferreira) – natural de Siqueira Campos-PR, escritor, autor de Uma verdadeira prosa: contos & minicontos – CBJE, 2010, entre outras obras de poesia, ensaio, humor e não ficção, tendo o poema Incertezas selecionado para a antologia Poesia Todo Dia. Recebeu premiação com menção honrosa no XIV Concurso Nacional de Poesias: Edição Rui Barbosa, com o poema A última noite de um poeta, entre outras. Graduado em Matemática e Ciências Biológicas pela UENP-Universidade Estadual do Norte Pioneiro, em Jacarezinho-PR, pós-graduado em Educação Ambiental, pela Faculdade Santa Cruz, em Curitiba-PR. Atua como professor de Ciências do quadro próprio do magistério do Estado do Paraná. Seu mais recente trabalho literário é o Livro Proibido (e outros contos fantásticos), de 2019.

Flávio Ferreira Mello (Flávio Mello) – Paulista paulistano, hoje mora em Siqueira Campos, Paraná com a família. Graduação em Letras – Literatura, Especialização – Literatura Africana e Infantil e Mestrado em Ciências da Religião pela PUC/SP. Título de tese: Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima. É membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, posse em 25/08/2011, à cadeira 02, Patrono Olavo Bilac (Hoje membro correspondente). É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de *Seleção Natural* (1ª Ed.), Espaço Idea, 2006; *João e seu baú mágico* (conto infanto-juvenil), Espaço Idea, 2008; *Amar só se for armado*, Espaço Idea, 2008; *Entrelinhas* (coletânea de autores), Ed. Andross, 2008; *Amor féMenino*. Espaço Idea, 2014; *Conto do Cotidiano*, Ed. Patuá, 2012, *Primeira Antologia Literária*, Moinhos de Vento, 2018 – ALGRASP; *Segunda Antologia Literária*, Além da Porta, 2019 – ALGRASP; revista *Tamises* – Academia de Letras da Grande São Paulo, ALGRASP, v. 9 ao v. 16 e *Seleção Natural e outros contos* (2º Ed.), Ed. D3 Educacional, 2019.

Leandro Carlos Muniz (Inocência Norte Velho) – Nascido às margens do Rio das Cinzas em abril de 1980, na cidade de Tomazina, Leandro Carlos Muniz fez do sertão paranaense sua grande inspiração. Graduado em letras e especialista em estudos linguísticos e literários pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, e também técnico em arte dramática pelo Instituto Federal do Paraná, o escritor produz em prosa e verso desde sua adolescência. Ao longo dos anos, recebeu prêmios literários de grandes instituições e realizou publicações independentes. Entretanto, aos 38 anos, após um período de longas reflexões e mudanças pessoais, adotou o pseudônimo Inocência Norte Velho, com o qual traduz sua busca pela compreensão das próprias raízes. “O monstro de Tomazina” (2019) foi a obra que inaugurou sua nova fase literária.

O livro
SEMENTES - I Concurso Nacional de Contos do TRE-PR
foi confeccionado em novembro de 2019
Impresso em papel Chamex 75g

-res a semente
xão. E específico
tos que fazem
vro são semen
de um pequeno
editar, no âmb
ça Eleitoral
vos concursos
a cultura e ali

de uma refle-
camente os con-
parte deste li-
tes plantadas
sonho, o de re-
oito da Justi-
do Paraná, no-
que promovam
lmentem a alma.

Sementes, por certo, é das palavras mais simbólicas da língua portuguesa: início da vida, representa também algo em potencial ou etapa indispensável para a concretização de um desejo.

Uma obra de arte, no caso do concurso promovido pelo TRE-PR, um conto, planta na cabeça de cada um de seus leitores a semente de uma reflexão.

E especificamente os contos deste livro são sementes de um pequeno sonho, o de reeditar, no âmbito da Justiça Eleitoral do Paraná, novos concursos que promovam a cultura e alimentem a alma.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-60558-02-5

